

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

Jomar da Rocha Farias Zahn

Comissão de Saúde do Trabalhador de Serra/ES:
“sejamos realistas, tentemos o impossível”

Vitória/ES

2019

JOMAR DA ROCHA FARIAS ZAHN

Comissão de Saúde do Trabalhador de Serra/ES:

“sejamos realistas, tentemos o impossível”

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para Exame de Defesa do Mestrado, na linha de pesquisa: Políticas públicas, trabalho e processos formativo-educacionais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros

VITÓRIA/ES

2019

JOMAR DA ROCHA FARIAS ZAHN

Comissão de Saúde do Trabalhador de Serra/ES:

“sejamos realistas, tentemos o impossível”

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para Exame de Defesa do Mestrado, na Linha de Pesquisa: Políticas públicas, trabalho e processos formativo-educacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Jair Rochi Filho
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

Prof. Dr. Ueberson Ribeiro Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Interno

Carmen Ines Debenetti
Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação UFES
Bolsista PROFIX FAPES CAPES
Membro Convidado

“Melhor a sabedoria do que as armas de guerra”

AGRADECIMENTOS

Gratidão.

Apreendi na escola a juntar as letrinhas e estudar com os livros esse conceito, mas foi na escola da vida que experienciei o que é gratidão: está nos encontros e desencontros, nas brechas, fissuras, nos movimentos disruptivos, andando nos fios de alta tensão, praticando malabares e muitas vezes tomando choque, dando choque, e nesse percurso esse agradecimento foi se constituindo.

Amor é o combustível que move o mundo. Por amor me uni a Osmar, por rebater minhas ideias, questioná-las. Mas nunca as impedir de fluírem. Apoiar meus voos ora rasantes, ora velozes e altos, ora pausados. Saber que estar ao meu lado é viver intensamente (rs). Amo não pelo que é, mas pelo que sou ao estar com você.

E falando de amar e ser amada, recordo que só pude estar nessa vida porque um dia Joel e Maria decidiram permitir a minha chegada. Obrigada, pai, pelas boas conversas, e a você, mamãe querida, por estar 24 horas comigo e soltar suas pérolas: “Que dia é hoje?” Respondo: dia de ser feliz! Todos os dias são oportunidades. Aproveite seu dia enquanto pode editar o melhor de memórias!

A vida não se constitui na solidão, por isso tive algumas irmãs: Mônica, Marta, Diana, Bárbara, Joelma e Patrícia. Vocês são cores essenciais à vida.

Amor, amar, amarei eternamente. Vamos que vamos!! Minha irmã!

Isabella por nos surpreender a cada dia com suas peripécias, frases, palavras, nos momentos inusitados. “Cadê tio?” “Que isso?” “Que um, e a mão fica cheia! Que a mamãe não nos veja!!” Você nos faz rir e nos impacta com suas superações! Te amo!!!

Colorir é muito bom, principalmente quando temos a diversidade do meio ambiente conosco. Quem nunca subia numa árvore, chupou uma cana, brincou de amarelinha, queimado, pique, ou comeu bolinho de chuva, broa, bolo da vovó ou uma comidinha da vovó?

Ah, precisa experimentar! A minha vovó sabia fazer muitas coisas deliciosas. Obrigada, Celina, por ser a força mulher.

A força vem dos movimentos incessantes. Deise, você tem força de mudar as coisas ao seu redor, não é sua, ela está com e sobre você. Gracias, amiga, porque você é o combustível necessário para a vida.

Ao meu socorrista TI Kayo, que sempre deu vida às minhas criações, jamais colocou a culpa entre a cadeira e a mesa, porque somos crias da persistência nesse mundo tecnológico. Mas a frase mestra: “Tia, tia, mas o que você quer fazer, não dá!” Desistir jamais, isso não nos pertencia, porque a briga era de peixeira e chapéu. E algo sempre nascia!

Por falar em combustível, o *diesel* é necessário para colocar a minha Scania na estrada. É, Itapemirim, valeu pelas promoções de passagem!

Nessa estrada conheci a UFES, muito verde, alguns miquinhos que já me fizeram chegar atrasada às aulas, por conta da banana. Onde só tem um pedaço, passam fome dois (rs). É lindo de ver esses animais!!

Falando em fome, o que dizer do RU, era meu sonho de consumo! Muitas pessoas, um falatório danado, lá vemos: alguns conhecidos, outros colegas. A comida não é tão boa! Mas dá para sustentar uma tarde inteira. O legal são os encontros, as falas, e até mesmo o silêncio quando não tem quase ninguém.

E por falar em falatórios, são os nossos dias de segunda-feira, que grupo animado! Plena manhã parecia “um junta panela”, juntávamos uma diversidade de *coisitas* para tomar o desjejum, bom d+!!!

Lá nós pactuávamos, repactuávamos, despactuávamos, é vida, é fluxo!

O PFIST vai deixar muitas saudades. Acolher a processualidade em novas composições que o viver convida de modo constante possibilita experimentações e outros modos de estar junt@s.

Jair, grata pelas caronas: “Jomar, como anda a escrita?” Agostinho, pelas falas aceleradas e o apelidinho carinhoso. Cris Bonaldi por ter criado a Teresa, e passarmos pela mesma BR, a 101. Bernadeth por me apresentar Vitória e ter sempre palavras que brindam e deslocam a vida. É no estar juntas que surgem lindas amizades. Tuhany pelas palavras a serem adicionadas ao meu dicionário, “é mara, gata” e apontar novos estilos. Thiago por passar pela mesma estrada, e sempre sabermos que é possível prosseguir! Aline pelo desprendimento e por me sacudir algumas vezes (rsrs). Valeu!

Cris Bremenkamp pelos apelidos carinhosos, cada um tem um conceito para mim, pelo corpo disponível em pactuar essa construção. Por muitas vezes me ouvir e apontar caminhos.

Danuza por transformar as coisas inertes, descabidas a alguns olhos, em algo cheio de vida, em palavra múltipla, muchas gracias! Por acreditar em todo o meu percurso, por ter apostado numa estrangeira, gratidão pelas entradas e saídas de hoje e sempre! Amiga é coisa para se guardar...

Fernanda pelas falas tensionadoras e sempre perguntar como estou!

Hervacy pela confiança em emprestar o livro *Mil Platôs 1* e uma tese da biblioteca em nosso segundo encontro.

Carmen por despertar a escrita em mim e pôr-me a caminho sempre. Gratidão, eternamente!!

Suzana pelas falas: “Estou pensando que...” Isso me fazia acreditar nas possibilidades de estratégias. Carol Roseiro por lutar por nossa classe.

Carol pela fala suave e muito potente, as acolhidas foram maravilhosas!

Luzimar por compartilhar saberes. Pablo por ser uma fofura brava. Magda pelo olhar tão carinhoso comigo, coisas de cariocas natas ou não. Mel por chegar de mansinho e promover movimentos de fissura, aprendizados, e a frase: “Ei, querida!” Neiva por compartilhar suas aprendizagens. Lara por suscitar sempre e atuar o *experienciar*, “*é bom demais, compa*”. Ellen por estar sempre engajada nos movimentos.

E nesse “vuco-vuco” das segundas, há muitas falas e vozes, mas há uma que de longe ecoa, porque desloca, tensiona e acolhe. Quer viver intensamente a vida? Precisa cavar, se permitir estar ao lado, do lado, entre o lado dela. Sou grata à vida pelo nosso encontro. Cada encontro é um novo e inesperado encontro. Ter em seu grupo de pesquisa uma estrangeira, com a abordagem totalmente contraditória a sua, é uma aposta, é realmente acolher o diferente. Somos ímpares. O encontro se faz na acolhida dos desencontros. Falar de você é falar da força dos movimentos que nos trazem vida, é a aposta e são deslocamentos. Porque você é “uma dispositivo”. Minha gratidão eterna, Beth. As lágrimas vêm, porque a história foi e está sendo escrita com/por quem cujas atitudes, valores e ações beneficiam a vida dos outros. Você é d+!

Aos professores do programa PPGPSI. “Ei, psiu!” Quem nunca escutou essa frase do prof. Alex? Que sem me conhecer perguntou: “Você está bem acolhida?” Eita, mineiro.

Fábio Hebert que sempre me escutava quando tinha algo a falar, mesmo que fosse pura viagem. Te vi muitas vezes rubro com as minhas pérolas. Janaína por estar sempre atenta às minhas frases e em qualquer lugar em que nos encontrávamos falava comigo, grata por não ser invisível.

Jorge e Ana Augusta por mostrarem a outra face da psicanálise. Ana pelas aulas com almofadas e sentada ao chão, outro modo de aprender. Ao Jorge Carneiro por trazer outros saberes. Ao Jésio por colocar em análise os processos. Ueberson por acompanhá-lo no curso de formação e saber que contágio na educação é possível.

Soninha, sua linda! Sempre com sorriso para nos atender, deixou saudades!

A vida é feita de movimento, uns vão, outros vêm.

Natalie, agradeço por fazer parte do percurso e sempre estar atenta a nos ajudar.

Família: tios, tias, primas, primos, sobrinhos, sobrinhas, cunhadas, cunhados, sobe e desce fazem parte da vida, valeu!

Aos colegas capixabas: Anália, Penha, Lurdinha, Regina, Beatriz, Helena, Patrick, Rafaela, Alana Alexcsandra, Leidivan, Animadab, Raquel, Viania, Rose, Lúcia, João, Mércia, Gracilene, Marcela, Marcelo, Marcel, Claudia, Lídia, Mari, Abigail, Cíntia, Marcelo, Valnyr, Alaor, Mari, Lwcyene valeu pela composição e “descomposição”. Lembrem-se de que dois beijinhos são melhores que um (rsrs).

Lúcia por me ajudar a encontrar um lugar para pousar, e sempre por perto, sorrindo, explicando aonde podia ir, como ir. Agradecida por esse coração tão inocente e amável.

João meu primeiro amigo capixaba, flamenguista roxo. Toda vez que nos encontrávamos fazia a dublagem do jogo, apesar de suas limitações nos entendíamos muito bem. Toda vez que lhe encontrava na saída do prédio à noite, você falava: “Chulas é mei que firra” (Churrasco é muito melhor que esfiha). Apesar de não concordar, entendia seu recado. E para prosear não trazia esfiha, rsrs

Senhor João Venturini, agradeço por abrir as portas de seu apartamento a uma estrangeira e permitir morar nele o quanto foi necessário.

Dona Maria, agora é hora de “esgurrir”, mas dessa vez com destino certo?

“Não sei! Tem quanto de gasolina no tanque? Então vamos simbora!!”

Amigas e amigos cariocas, vocês são maravilhosos!!! Tamo junt@s e misturad@s, acreditando que juntos vamos mais longe. Não vou citar nomes para não ser injusta, pois a memória pode os trair e delongar a lista

Pandora, você me faz muito feliz!

Deus nem mais, nem menos, na medida amor, que é infinito!

RESUMO

Esta dissertação objetiva apresentar os movimentos da constituição das Comissões de Saúde do Trabalhador em Educação (Cosates) de Serra, no Espírito Santo, e alguns dos seus movimentos, assim como discutir os processos de trabalho das profissionais de educação em algumas escolas da rede municipal. Pensar a Comissão como vetor de mudanças é apostar como a pesquisa aqui apresentada pode ser um fio de uma trama que pode puxar outros fios. Trazemos o trabalho da professora – optamos por utilizar o termo professora, em vez de professor, por se tratar de profissão exercida em sua maioria por mulheres – nas suas tarefas e atividades, entrelaçadas com a sua vida em outras dimensões a partir de uma rede que se aquece quando não se tem centro e se caracteriza por se fazer como multiplicidade. Neste trabalho, destaca-se a Cosate como dispositivo de enfrentamento que trabalhadoras da Educação anseiam para formar uma rede de apoio, fortalecer o dialogismo entre as educadoras e produzir saúde.

Palavras-chave: Cosate, Rede, Trabalhadoras da Educação.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the movements of the constitution of the “Comissões de Saúde do Trabalhador em Educação” – Cosates - of Serra, in Espírito Santo, and some of its movements, as well as discuss the work processes of education professionals in some schools of the municipal network. To think the Commission as a vector for changes is to bet like the research presented here can be a thread of a weft that can pull other wires. We bring the female teacher's work - because it is a profession mostly exercised by women - in their tasks and activities, intertwined with her life in other dimensions from a network that heats up when there is no center and it is characterized by being done as multiplicity.

In this work, “Cosate” stands out as a coping device that female education workers yearn to form a support network, strengthen the dialectic between the educators and produce health.

Keywords: “Cosate – Comissão de saúde do trabalhador em Educação”, Network, Female Education workers.

SUMÁRIO

HABEMUS CELINA	14
COSATE: um fio desencapado o título do capítulo	32
FOI, FORAM, FÓRUM	53
À SAÚDE	58
<i>JUGGLER</i> DE CELINA	61
REFERÊNCIAS	98

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CEREST-ES – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo

COSATE – Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação

DMST-Serra – Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

Fundacentro – Fundação Jorge Duprat e Figueiredo

MP-ES – Ministério Público do Espírito Santo

NEPESP – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política

PFIST – Programa de Formação e Investigação em Saúde do Trabalho

PPGSI – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional

RENAST – Rede Nacional de Atenção Integrada à Saúde do Trabalhador

SEDU/Serra – Secretaria Municipal de Educação de Serra

SINDIUPES – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Céu azul como a praia

Quando olhamos para o céu na sua concretude vislumbramos movimentos, imagens em forma de objetos, e se assim podemos dizer, há algumas destas imagens que nós entendemos, outras não entendemos e há as que pensamos que entendemos. Mas nem por isso deixamos de admirar e *curiosiar* por algumas imagens do céu.

A azul cor do céu seria também a cor do mar? Ou o mar só reflete a cor que paira sobre ele?

Ce, céu, linda, nasce Celina, uma personagem que vai crescendo, ganhando movimento no percurso Rio das Ostras x Vitória.

Ir-se a campo, então, que instrumento usar? Poderia ser um diário de campo, algo que estava ouvindo muito durante as aulas de mestrado. Diário de campo: a ideia parece atraente para endereçar a pesquisa.

É um instrumento importante na composição, tensionamento, no fazer reflexivo e na visibilização das forças em jogo. Procuramos materiais que falassem sobre o diário e o modo como se faz. Li que fizeram uso dos diários a partir das contribuições de René Lourau, quando este nos convocava a registrar a realidade ao mesmo tempo que a transformamos.

O termo diário de campo não implica necessariamente a realização de registros diários, mas sugere e requer certa periodicidade. Optei em usar essa ferramenta de pesquisa por entender ser um dispositivo que aciona afetos e produz efeitos para que a pesquisa contextualize determinadas situações e permita a exploração em escritos posteriormente mais elaborados. A utilização do diário permite expressar impressões, observações, incidentes significativos, reuniões, por circularem no tempo e no espaço, constituindo objetos permanentes de análise das práticas do pesquisador.

Como recurso processual, o diário de campo é capaz de auxiliar em nossa autoformação/transformação, entendida a partir da tríplice perspectiva: formação para a pesquisa, para a escrita e, principalmente, formação de si como autor de sua atuação na vida cotidiana. Para me auxiliar ao acompanhar os processos em curso relacionados à implementação da COSATES (Comissão de Saúde do Trabalhador da Educação) nas escolas públicas municipais na cidade de Serra/ES, como também seu Fórum, cursos de

formação e as reuniões do NEPEP. Por isso, pensando o diário como recurso que oriente na compreensão e análise acerca da produção de saúde do trabalhador de educação, nós utilizamos essa ferramenta ao longo do trabalho. Afinal, o caminho é constituído de passos que se sucedem e não pode parar, mas há pausas, análises e outros movimentos.

Num desses momentos criei a personagem Celina para auxiliar a cartografar os processos em curso, tentando fazer dela uma fonte para trabalhar os tensionamentos entre a teoria e a prática, um instrumento importante durante a produção de dados na pesquisa, a fim de captar dia a dia as percepções, os eventos vividos, as entrevistas, mas também os *flashes* de compreensão que emergem, com um pouco de recuo.

A releitura do diário é um modo de reflexão sobre a prática a fim de poder operar nos eixos de duração e intensidade e tratar de um procedimento de acumulação e escrita transversal mesmo centrado em único tema. A escrita transversal potencializa a superação de dois impasses: o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre os diferentes níveis e, sobretudo, os diferentes sentidos.

Falar do que se faz, no que se faz, e do que se faz do que se fala. É falar do que nos escapa em meio às nossas ações, das invenções em meio às prescrições, é falar das frestas que abrimos para oxigenar nosso poder de agir. É falar de (im)possibilidades, de adoecimentos, de alegrias, de como habitamos os espaços do trabalho e como ele nos habita.

Lancei mão de uma personagem como percurso metodológico e como tentativa de captar como as forças que emergem dos protagonistas desse campo (COSATE) tentam produzir a realidade e as especificidades dos locais habitados por esses profissionais. Ressalta-se a importância de valorizar os contatos firmados durante a inserção e a saída dos cenários, uma vez que acreditamos que o diário transcende ao registro. A escuta sensível das vozes dos trabalhadores/atores desse percurso é fundamental, pois elas caracterizam-se como elementos preciosos que atuam como potencializadores do processo de produção de dados e da compreensão do campo e seus movimentos diários.

1. **HABEMUS¹ CELINA**

Entre areia, barro, poeira, solo árido e ressecado, rachado pela seca, há crianças brincando na terra vermelha. É uma cidade pequena, com pouco mais de 146 mil habitantes. Há várias casas na vila chamada Bartolomeu, e dentre elas há uma um pouco mais conhecida. Ponto de encontro das crianças do vilarejo para brincadeiras, conseqüentemente muito barulho, quintal com alguns pés de frutas. Nesse cenário, onde o sol forte castiga quase o ano todo, moram mulheres que têm muita força em seus olhos, corpos marcados pelas lutas travadas a cada dia de irem à roça, fazerem o plantio, cultivo e colheita da cana-de-açúcar; mulheres que acariciam e incentivam o ruflar do ninho. Em uma dessas casas vive uma família formada por oito pessoas: um casal e seus seis filhos, onde a mais nova é uma menina, Celina.

Celina gosta de estar rodeada de gente, tem prazer em estar com todos, sejam de sua idade ou não. Ama deixar o tempo correr em rodas de conversa. Sua mãe diz que é meio intrometida, mas ela é mesmo curiosa. “Curiosidade é uma coceira que dá nas ideias” (ALVES, 2004, p 22.). Além disso, Celina sempre foi desbravadora. Desde a infância observava tudo e perguntava o porquê disso, o porquê daquilo. Cresceu ouvindo folclore, músicas de cantigas de roda, como muitas das crianças daquele vilarejo. O curioso é que ao ouvir as canções cantadas pelos adultos e as histórias que seus pais contavam à noite ou pela manhã – depois do trabalho na roça –, lá ia ela recontar o que ouvira para os amigos.

Uma das brincadeiras favoritas das crianças era encenar as histórias que ouviam: o Saci, a mula sem cabeça, o homem do saco... Celina era a “diretora das peças/brincadeiras”, dizendo onde cada um deveria ficar e que personagem ser, ou então a atriz principal das histórias. E a imaginação dela e das outras crianças ia longe. Na escassez de brinquedos industrializados, tudo virava brinquedo.

¹ Vem do latim e significa: “agora nasceu”.

Celina começa a experienciar a escola. A cada ano, novas descobertas: as letras, as palavras, as frases, os números, as continhas, as equações. Por assim dizer, vai se formando e formando os espaços escola/vida. Entre a dureza da roça, a escola com seu velho quadro-negro e os livros, as brincadeiras com os colegas, crescia a menina. Na escola, Celina era dedicada, mas brincava, fazia bagunça e comia a merenda duas vezes, se possível. Aprendeu as letras, que a levaram a livros cujas histórias a levavam a outros mundos, outros saberes. Celina compôs com elas e se compôs também.

A cada avanço de Celina na escola, a menina é tomada pela paixão de compartilhar. Compartilhar com os amigos vizinhos tudo que aprende. Quando decide pelo Magistério, talvez não soubesse que a “professora Celina” já estava sendo produzida, desde a infância e/ou adolescência. Vai saber! Na verdade, isso importa menos.

Professora Celina. Quem poderia imaginar? Muitos. Talvez até ela, em algum momento da sua vida. Alguns da vizinhança já diziam: “Essa menina tem jeito de professora!” Pronto, *habemus* Professora Celina.

E nesse arremesso da vida, agora a mulher cujo nome é Celina, sai para estudar, traçar um novo percurso, caminhos que uma garota de vila nem imaginava. É vida, tecida por encontros e desencontros, fazeres e desfazer. Uma hora nosso corpo sente que somos um corpo formado de outros. Celina, corpo aberto, poroso, ora seguindo a cartilha pré-fabricada, ora se inventando. Segue para o inusitado. Vá, Celina, sinta o que pode o seu corpo-professora em um cenário onde produzir brechas, criar rupturas, tensionar, são necessários para não ser tão *forma-atada* às inúmeras regras e capturas de um mundo que às vezes nos busca formatar. Moça com sede de conhecer o mundo, que caminha para uma formação, mas formação além da lógica informacional, além do campo de saber escolarizado até para a própria vida (HECKERT e NEVES, 2007).

Sala 05. Turma A. Novo endereço de Celina. 87, número de matrícula. Os números organizam, identificam. Mundo estranho para Celina; de onde veio não era assim. Ela nem lembrava exatamente como era, só sabia que não era

assim, parecia ser mais simples. De onde vinha, fazer amigos parecia algo mais simples: “Povo fechado. Sorrisos amarelos. Olhares assustados. Vai ver que é só no primeiro dia.”

Brigas por direitos. Cotas, greve de professoras, greve das funcionárias, paralisação de ônibus, “dia de luta contra isso, contra aquilo”. Concursos. Processos seletivos. Passeatas. Greve. Polícia nas ruas. Concursos. Cortes no orçamento da educação... Passeatas. Silêncios. Polícia. Barulho. Sindicatos. Processos seletivos. Certificados. Protestos. Silêncio. Barulhos. Processos... assim caminha a cidade.

Tudo muito, às vezes vácuos, perguntas sem respostas, e Celina tenta captar quais caos-processos com que ela agora passa a conviver.

Estágio. É a hora pela qual Celina ansiava, ao contrário de alguns colegas, que descobriram que não queriam ser professoras, achavam que daria “muito trabalho”. Outros sabiam que, apesar de esperarem melhor salário, um diploma nas mãos em um mundo tão competitivo ajudava.

No estágio, Celina observava aulas, ajudava a professora regente a preencher os muitos documentos que o Estado exigia: “Mas precisa de tanta burocracia?!”

Celina adorava as séries iniciais, sentia-se em casa. Em casa com as crianças, em casa nas atividades lúdicas, à vontade. Até se lembrou de quando era criança em seu vilarejo. Porém, o relógio manda parar. Pois é. Agora é ir aprendendo a lidar com isso, com outros desafios.

Diploma. Agora os movimentos são outros: ter um emprego, autonomia financeira. Currículo pronto. Processos seletivos. Contratos temporários. Concursos. É também hora de atualizar os ensinamentos da academia: “No estágio, parecia que a professora fazia diferente. Ou ela vem de uma formação pedagógica diferente da minha?”

Designação temporária. É agora que Celina vai ter o seu próprio campo. Celina-DT, professora de séries iniciais de uma escola pública. O corpo professora se prepara, se prepara até onde acha que pode. Ela sabe que tem muito a aprender. Já percebeu que são as muitas regras que compõem a

instituição Escola. Enfim, de início, é vislumbrar a possibilidade de compartilhar o que aprendera na academia. Além disso, já imagina que nas suas práticas seria difícil não trazer traços de onde veio, da Celina menina, da Celina que também foi aluna das séries iniciais, da guria contadora de histórias.

“Por que na escola tudo parece ser tão formatado, mensurado, calculado e burocratizado? O.k., não estou mais na minha pequena cidade.”

Esse incômodo da nossa personagem pode parecer coisa de gente que está começando a carreira. De fato, os estranhamentos de quem entra no campo de trabalho, em nosso destaque aqui o campo da educação, podem ser habituais. Mas como saber? Celina precisa garimpar esse campo, agora como educadora-aluna-do-mundo.

As muitas perguntas de Celina são perguntas de um corpo aberto, um corpo de escuta sensível. Sede de uma jovem profissional cheia de ideias, força física e que acha que pode ajudar mudar o mundo para um mundo mais solidário.

A DT. Escola pública municipal. Colegas experientes-concursados.

“Só eu de DT? ”

O espaço público parece um espaço privado. As professoras daquele turno, ao mesmo tempo que não trocam muitas ideias, parecem cada uma em casa no seu quarto, com seus televisores. Algumas não compartilham ideias, o silêncio reina. As cadeiras da sala das professoras parecem ter nome; todos os dias as professoras sentam-se nas mesmas cadeiras. Olham para os relógios.

Sinal. Recreio. Pedagoga. Silêncio quebrado. Uma circular. Reclamações.

Que movimentos são esses que os olhos, ouvidos e fala de Celina nos trazem acerca da instituição escola?

“Circular nº 10? As aulas começaram esta semana, eu fui contratada semana passada e já recebo a 10ª circular? A pedagoga entrega, professoras reclamam. Quanto mais alto falam, menos eu as ouço. O povo não conversa aqui, não? ”

“Quanto menos puderem criar formas de trabalhar compatíveis com nossas expectativas e modificar o ambiente de trabalho de acordo com as nossas necessidades e desejos, maiores serão essas dificuldades” (BRITO, ATHAYDE e NEVES, 2003, p. 52). Os fatores que presenciamos no cotidiano da escola poderiam ser nocivos e produzir adoecimento.

Será que esse falar mais alto não está submetido aos vícios de ser professora em suas práticas cotidianas da escola? Elas não percebem o quanto também comprometem a produção de saúde?² Às vezes faz-se necessário compreender o ambiente em que se trabalha, pois inadequação dos instrumentos de trabalho, dificuldades para realizar as atividades, relações hierarquizadas e censura de diálogos trazem riscos à saúde do profissional de educação.

Talvez Celina esteja comparando essa escola com o modelo de escola que ela tinha em mente. Difícil. Difícil responder a essas perguntas. E fica se indagando: será que tem que ser assim mesmo? Por que é assim? Qual o motivo de tanta assiduidade para essas circulares? Agora, no campo, diante de colegas, reclamações, SEDU, circulares... Celina já mexe o corpo como quem estivesse tentando achar a postura ideal, melhor, uma postura que a fizesse caber ali.

Formação. “Minha primeira formação: curiosa. ”

Conhecer a Celina para perceber que um sujeito aberto ao mundo e incomodado com forças que pareciam querer capturar suas ideias e movimentos é um exemplo de alguém que sente que escola, educação e ocupar espaços eram muito mais do que ela começava a presenciar nos seus primeiros dias de professora (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

Sala cheia. Um ventilador. Se por um lado o calor já fazia parte da vida de Celina, aquele cenário era outro. “Como suam os pobrezinhos...” “Professora, quantos anos você tem? ” Celina sabe bem o que é ser criança curiosa, faladeira...

² Vamos desenvolver o conceito de saúde mais à frente.

A personagem está construindo um outro caminho, um outro corpo, corpo da rapidez da cidade, de outro tipo de escassez. Escassez da ordem dos espaços de conversa, de tempo de parar e tomar um café, não o engolir, escassez de ouvir o outro, escassez do improvisado nas aulas quando não se tem material.

Que modo é esse dessa professora que vem do interior entrando no movimento da educação? Que práticas são essas que ela entende como pouco potentes? E as experiências de vida de suas amigas professoras? Como poderia tudo isso contribuir nas práticas educativas e no corpo-professora cujo “chefe” é o Governo?

Na escola, as instruções a serem seguidas pelo corpo pedagógico a incomodavam. Ela não as entendia – não eram práticas educativas que promoviam uma educação que aguçava a curiosidade dos alunos, nem mesmo a imaginação. Celina, tocada pelo trefismo escolar, o qual lhe era imposto, colocava tudo em questão.

Educação? Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, é crucial questionar a que veio a Escola no cenário atual. Em uma sociedade que exige um novo tipo de fazer, de reavaliar práticas educativas, de buscar entender quem são esses sujeitos-alunos, os sujeitos-professores, urge refletir constantemente sobre que demandas e dinâmicas têm sido desenvolvidas nesse espaço. Muito do que se vê nas escolas parece estar longe disso, pensamento.

Como desenvolver o exercício autônomo se as políticas que vêm de cima estão mais para enquadrantes? Como pensar uma formação que articule o saber, o fazer do trabalhador da educação, o trabalho docente para além do trabalho que serve ao capital, mas possibilite saberes e relações sociais e efetivamente públicas? Como o corpo-professora vai se forjando formador e em formação junto com seus alunos, seus pares e o espaço-escola em meio a tudo isso?

Por mais opressivo que seja o campo de trabalho, nele há sempre um certo grau de liberdade, uma fresta que, mesmo que mínima, abra caminho para outras (GUATTARI & ROLNIK, 1996)

Alunos. Um aluno chega na escola de bermuda e uma camiseta vermelha com a foto do Che Guevara³ e não pode entrar, por conta da cor da roupa. A própria pedagoga não sabe onde estão as normas. Só diz: “Não pode, é uma regra. ” Lá, meninos não podem usar brincos, meninas não podem usar *leggin* para não marcar a genitália.

Recreio. Surge um assunto entre um grupinho de meninas alunas das séries finais. “Machista. ” Um “não” da pedagoga. Celina estranha. “Não é fácil tomar conta de tantas crianças. Ser administrador de escola é complexo. Só uma pedagoga para trezentos alunos! Ela não deve ter muito tempo para atendê-los ou para pensar nas suas práticas. Deve falar muitos ‘não’ sem explicações”.

Corpo pedagógico. “ Sim. ” “Não. ” “São as regras. ” “Não tem jeito. ” “Assine a lista. ” “Atestado. ” “Atestado?!”

Celina ouve quase que diariamente tantos seus colegas quanto a coordenação pedagógica repetirem tais expressões. “Que profissionais cansados! Será que eu vou dizer as mesmas coisas? ”

“Celina? É o seu nome, não é? Você é a novata. Olha, não se assuste com as nossas reuniões. Você está começando agora. Depois se acostuma. ”

Acostumar-se...

Será que a iniciante professora Celina, jovem e cheia de ideias, se acostumaria com falas que denotam tanto cansaço? O que pode um corpo⁴ inquieto? Na verdade, mais do que a sua jovialidade, o destaque a ser dado é seu modo de ver o mundo. Celina nasce e cresce em meio a inúmeras dificuldades, chega à Academia. A reinvenção sempre foi parte dela.

São as regras. “Esta informação, professora, só na SEDU. ”

³ Ernesto Guevara (Rosário, 14 de junho de 1928 – La Higuera, 9 de outubro de 1967), mais conhecido como “Che” Guevara, foi um revolucionário marxista, médico, autor, guerrilheiro, diplomata e teórico militar argentino.

⁴ Ao usarmos “O que pode um corpo inquieto?”, nos remetemos a Espinoza em um de seus textos: “O que pode um corpo?” O que pode o corpo? Corpografias de resistência , *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores, v. XVII) .

Espaços de diálogo? Celina não via nem muito espaço, quanto mais diálogo... A impressão é que o importante é a ocorrência.⁵ Como formar cidadãos nesse espaço sem diálogo? Quem sempre tem razão? É a direção? Ou a Secretaria de Educação? Ou o que é imposto a ela e seus atores? Como nos entendermos como educadores se não nos escutamos?

Fatos e memórias. As memórias, Celina as deixas fluir.

“Que valor tem um fato? O que resta dele além das sensações que nos deixa?” (RAMOS, 1982, p. 82).

Dias de sol, dias de chuva... Como fazer emergir Celina-mulher-adulta-professora?

Flashback emerge ao ver um filme. Lá vem um pau de arara, e no seu balangar é perceptível que está lotado. Há trabalhadores de mãos calejadas pela enxada, outros com as mãos lisas sem ao menos ter trabalhado, talvez sonhadores, alguns com a pele ressecada pelo sol causticante, outros prospectando ganhar dinheiro, outros mudar de vida, outras apenas de carona, ou seja, o retorno de um dia laboral.

Em cima do pau de arara há uma jovem, olhos amendoados cheios de expectativas. Durante o percurso, um buraco aqui, outro ali, uma descida, nova subida, costelinhas formadas pela chuva e o transporte trepida, o corpo todo chacoalha e vai se constituindo o caminho.

Ao passarem por uma curva, essa jovem mulher levanta sua cabeça para o céu, percebe que, para variar, hoje está sem nuvens, o sol escaldante sobre as cabeças novamente, dirige o olhar para o horizonte e vislumbra um solo árido, rachado e lembra:

“É tempo de seca. Ah, meu sertão!” O filme a faz ir longe no pensamento. É como se ela resgatasse por um instante sua própria trajetória.

⁵ Ocorrência é um documento utilizado quando a(o) aluno(a) comete um ato infracional ou quando comete três atos disciplinares, daí assina uma ocorrência. O aluno deverá estar acompanhado pelos pais ou responsáveis para a assinatura.

Tempos difíceis, como outrora nunca tinha visto, escassez de água e de comida.

Parece que foi ontem. Celina chegando na cidade. Abre sua pequena mala marrom, na tentativa de encontrar a garrafa de água, mal podia se mexer. Passa a mão e percebe algumas roupas, um par de chinelos, um caderno de anotações, uma caneta sem tampa, duas escovas, uma para o cabelo e outra para os dentes, e está muito bom, é tudo o que o céu de Celina poderia lhe dar.

Agora inicia seu jornadaear a vida de retirante.

Como o personagem do filme que via, depois de tanta poeira e balangar é hora de descer. No caso do protagonista do filme, não sabia bem o que queria. Mas Celina, a professora do Nordeste, sim. Vai tentar a sorte numa Cidade grande, adeus, meu Nordeste, é o movimento da vida, vai ser *gauche*,⁶ agora será moradora da região Sudeste.

Celina e a Cidade. Embarca no ônibus, sabendo que serão alguns dias, quem sabe de sol, quem sabe de chuva, quem sabe de engarrafamento, quem sabe de fome, frio e durezas.

Naquele momento, nada importava para Celina. O pulsar do seu coração é “esperançar” outros ares, outra vida, com sua peixeira, que é o exercício de pensamento que corta e nos livra de várias estratégias de poder que tendem a nos capturar, nos fixar num modo sujeito. O pensamento pode ser usado como uma prática de resistência. É o corpo de Celina.

Outra cena, outra imagem. O grande dia de desembarque: rodoviária da Grande Cidade Vitória. A expectativa de novas oportunidades quase salta em seu peito, cidade grande, desafios por todos os lados. Mas a certeza em desbravar novos caminhos.

Se no filme o protagonista trazia apenas uma mochila e uma foto, Celina vê um livro de literatura da moça que desce na sua frente, lembra-se de um poema de Fernando Pessoa.

⁶ *Gauche* refere-se ao *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade (1930)

Há doenças piores que as doenças
 Há dores que não doem nem na alma
 Mas que são dolorosas mais que as outras.
 Há angústias sonhadas mais reais
 Que as que a vida nos traz,
 Há sensações
 Sentidas só com imaginá-las
 Que são mais nossas do que a própria vida.
 Há tantas cousa que, sem existir.
 Existe, existe demoradamente
 E demoradamente é nossa e nós...
 Por sobre o verde turvo do amplo rio
 Os circunflexos brancos das gaivotas...
 Por sobre a alma o adejar inútil
 Do que não foi, nem pôde ser e é tudo.
 ("Há doenças piores que as doenças",
 Fernando Pessoa) 2012

Mais um *flashback*. Seu telefone toca, é a prima de Celina, moradora dessa Cidade grande, avisando que já está chegando na rodoviária. As primas se encontram, beijos, abraços, sorrisos e muito falatório. Celina respira fundo. Tem muito ar no peito, tem força de uma jovem iniciante na profissão.

Final do filme. Hora de ir dormir.

Processo Seletivo Simplificado. Celina prepara currículo, junta documentos porque lera nos jornais sobre um tal processo seletivo da Prefeitura de Serra. Está animada, quem sabe, com a possibilidade de se tornar professora na Cidade Grande, está animada a mostrar que no seu sertão tem coisa boa, gente beleza, povo guerreiro e resistente.

Celina, enquanto junta seus documentos, canta:

Minha jangada vai sair pro mar.
 Vou trabalhar, meu bem querer.
 Se Deus quiser quando eu voltar do mar
 Um peixe bom eu vou trazer.
 Meus companheiros também vão voltar
 E a Deus do céu vamos agradecer
 (Dorival Caymmi, 1972)

E vai trazendo à memória o artista, porque ele capta o movimento do mundo e o expressa na obra de arte. Porque o mais importante nos diálogos não é o elemento racional ou as contas, as argumentações, mas o sentido do que nos atravessa no momento desse encontro.

6:47. Parada solicitada. Seu telefone toca, mas Celina não consegue atender, pois o ônibus continua muito lotado. Mais um dia!

Passa pela banca da praça e vê no *display* de jornais:

“Vai sair concurso para professor efetivo no final no ano. Está aqui no jornal. ”
Emprego. Concorrer a uma vaga de emprego para efetiva anima Celina. “Já que faltam uns meses ainda, consigo acumular um tempinho de experiência e fazer alguns daqueles cursos de formação na SEDU. Quantas horas será que tem cada curso? ”

Tempo que passa. Até que consiga se inscrever em um concurso e tentar ser aprovada, Celina tem muito pela frente.

Habitar a cidade, seus espaços, é o que convocava Celina, professora da educação infantil no turno vespertino há quase seis meses. Que no seu campo-escola de trabalho, ao formar crianças para darem seus primeiros passos na escola e lerem o mundo, também ajuda, em seu(s) campo(s) de atuação, os que por ela passam a exercitar o posicionar-se diante da própria vida. A prática educativa exige um trabalhador capaz de dar respostas para cada atitude, decisão, estratégias, novos olhares e repensar a si mesmo, para dar embasamento às suas práticas educativas. A escola é, geralmente, o lugar onde passamos o maior tempo de nossas vidas. É comum as pessoas pensarem que a escola é um espaço de formação, mas o único. É usual pensar muito mais na formação do aluno e menos na formação do educador. Para muitos, a professora já vem formada, como se o (s) diploma(s) fosse(m) o suficiente para lidar com tantas histórias diferentes numa sala de aula – lidar com tantos colegas que carregam tantas marcas e histórias ao longo da profissão, sem falar do chefe maior: a máquina-governo.

Celina está sempre de olhos atentos aos movimentos da instituição escolar, o modo como as relações se atualizam no cotidiano.

No entanto, ela compõe um sistema em que a burocracia se faz presente constantemente; assim, sua rotina é diferente de muitos de seus colegas. Trabalha fora da sala de aula: elabora murais, tem trabalhos a corrigir,

atividades complementares a pensar, planejamentos diários e outras atividades. Muitas vezes não é fácil pensar onde começa e termina o trabalho. É um cotidiano que envolve um emaranhado de tarefas: lançar notas, fazer correção de provas, planejamento de diários, planejar as aulas, reuniões etc.

Celina fecha a porta da sala de aula, põe os pés fora da escola; mas ao chegar em sua casa, o trabalho não havia ficado na escola; ele a acompanha.

Dever de casa da professora. Celina chega na escola pela manhã e tem as atividades que ao longo do dia vão se desdobrando. Quando encerra o dia, já se vê com as atividades do próximo. “Que dia exaustivo hoje. É a vida de professora que demanda muitos outros tempos. Tempo de hora-aula, tempo espaço fora da escola... Não nos contaram na faculdade que seria assim. Mas... tarefismos e burocracias à parte, não vou me deixar adoecer por isso. O ser professora está no meu corpo, então que eu crie linhas de vida, que eu crie possíveis.”

Na escola, muitas vezes o trabalho das professoras fica reduzido à sala de aula e não se considera o restante do trabalho realizado, tampouco todo o esforço que as trabalhadoras da escola despendem para dar conta do que se espera e do que cada situação exige.

Escola rima com gaiola, mas não podem ser as mesmas coisas. Como é difícil um ofício no qual muitas vezes o profissional fica amarrado ao tecnicismo escolar... Em apenas cinquenta minutos de aula, trinta alunos, fazer chamada, fazê-los se acalmarem, dar atenção àquele que faz perguntas e, no final das contas, ter somente poucos minutos para dar o conteúdo pensado.

Afinal, o trabalho na escola não é só o que ele parece ser (para quem está de fora, mas até mesmo para quem está dentro); ele não é só aquilo que segue um fluxo normal, sem percalços e que é contabilizado em relatórios. As atividades desenvolvidas na escola são muitas vezes feitas silenciosamente, ninguém percebe o esforço muitas vezes excessivo praticado pelo(a) trabalhador(a) (BRITO, ATHAYDE e NEVES . 2003).

Celina encontra uma amiga no mercado.

“Ei, Celina e aí? Tá gostando?”

E ela pensa: “Como narrar para pessoas que não são da área de educação o que é ser professora, os baixos salários, o montante de trabalho, o lidar com crianças, a burocracia, que o trabalho que não existe só no espaço sala de aula? E se a pessoa que pergunta for da área, dependendo de como ela vê a profissão, posso corroborar algum pensamento negativo que ela possa ter. Enfim, a vida como ela é. Bem, a vida pode também ser outra. É movimento puro. E falando em movimentos, por conta deles estou eu aqui.”

“É. Ser professora tem seus desafios, demanda paciência, como todas as profissões. Mas é isso, vamos caminhando. Estou aprendendo muito.”

Solidão. “Quem entenderia a solidão de uma professora? Uma outra professora. Ora, se passamos por demandas parecidas, por que não nos unirmos?”

Tarefa de casa da professora. São quatro horas da manhã. Entre os livros, artigos e rabiscos, Celina não consegue dormir, precisa escrever um projeto que vai desenvolver com seus alunos sobre História às avessas, mas as ideias não vêm, ela não consegue dormir.... Põe uma música para relaxar, é Chico, o Buarque: *Cálice*.⁷ Canta Celina: “Quero beber um pouco de Chico, relaxar e, quem sabe, retomar a escrita no dia seguinte.”

Eu canto: Como é difícil acordar calado / Se na calada da noite eu me dano / Quero lançar um grito desumano / Que é uma maneira de ser escutado / Esse silêncio todo me atordo. Atorreado eu permaneço atento / Na arquibancada pra a qualquer momento / Ver emergir o monstro da lagoa / Pai, afasta de mim esse cálice. / Pai, afasta de mim esse cálice. / Pai, afasta de mim esse cálice. / De vinho tinto de sangue.

(*Cálice*, Chico Buarque e Gilberto Gil)

⁷ *Cálice* é uma canção escrita e originalmente interpretada pelos compositores brasileiros Chico Buarque e Gilberto Gil em 1973, mas lançada somente em 1978. Censurada pela ditadura militar, a canção foi liberada cinco anos depois e apareceu pela primeira vez no álbum *Chico Buarque*, tendo Milton Nascimento e MPB4 cantando com Chico, e em seguida no álbum *Álibi*, de Maria Bethânia.

Ao mesmo tempo que ouvir uma canção a ajuda a pausar o pensamento que corria como um cronômetro, a canção a provoca no sentido de pensar a sua própria existência. Quantas vezes Celina é “calada” em seu trabalho, como formato-verticalidade da instituição em que ela trabalha e que ajuda ou bloqueia suas ações?

Na educação, essa racionalidade se expressa nas práticas de gestão autoritárias, verticalizadas, hierarquizadas, que não afirmam protagonismo de trabalhadores (as) que atuam no campo educacional, acarretando efeitos nas relações de trabalho na escola e, conseqüentemente, entre o trabalho e a saúde (CARDOSO, CÉSAR e BARROS, 2018).

Condições físicas de trabalho, modos de gerenciamento e gestão de trabalho, aspectos financeiros e relacionais falam de saúde e adoecimento na educação. Investigando esses fatores, destacam-se algumas fontes de tensão e adoecimento relacionadas com as condições de trabalho dos profissionais da educação em especial: as professoras, como o ritmo intenso de trabalho, o número excessivo de alunos e a política de gestão da educação verticalizada e autoritária (GOTARDO et al., 2016).

O som abafado. Ao fazer um movimento para tranquilizar a mente, a canção a desperta. O que seria uma maneira de ser escutada? Como fazer surgir “essa palavra”? Essa palavra presa na garganta? Isso. Indo ao encontro das vozes. Ainda mais inquieta, volta à escrita. Retoma a empreitada. Algumas coisas Celina vai pensando... É nas situações cotidianas da escola que os movimentos podem aparecer. Vem à mente um livro da adolescência, *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll,⁸ um relampejo a partir do qual evidentemente a primeira coisa a fazer seria um levantamento da região que iria atravessar. Alice também tinha um campo a atravessar. É muito

⁸ Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll (Daresbury, 27 de janeiro de 1832 – Guildford, 14 de janeiro de 1898), foi um romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo, matemático e reverendo anglicano britânico. Lecionava matemática no Christ College, em Oxford. É autor do clássico livro *Alice no País das Maravilhas*, além de outros poemas escritos em estilo *nonsense* ao longo de sua carreira literária, que são considerados polípticos, em função das fusões e da disposição espacial das palavras, como precursores da poesia de vanguarda.

parecido como estudar geografia, erguendo-se nas pontas dos pés na esperança de conseguir ver um pouco mais longe.

Celina pensa sobre o projeto que irá desenvolver na escola. Precisa terminar a escrita cujo nome da proposta de trabalho é: “História às avessas”, projeto que será desenvolvido com seus alunos. A proposta é que eles manuseiem os livros que só terão imagens, para depois criarem suas próprias versões das histórias e as contarem do jeito que quiserem, assentados em roda. Cada um terá a oportunidade de contar sua versão da história. Como proposta inicial, o primeiro livro de figuras será *A flor do lado de lá*, de Roger Mello.⁹

O projeto é uma nova experiência para Celina, que está empolgadíssima. Foi ligando para alguns colegas para ver se poderiam emprestar almofadas ou colchonetes para que, no momento da experimentação, a atmosfera ajudasse os alunos e colegas a serem contagiados pela proposta.

A atividade aqui é tomada como criação de mundos compartilhados. Ainda que o trabalho seja desenvolvido por um único trabalhador, a atividade pode ser entendida como encontro entre corpos. O trabalhador constitui a sua atividade e é constituído por ela, estando presente a capacidade de afetar e ser afetado. O trabalho é a capacidade de estabelecer engajamentos em história coletiva. Um coletivo que tem o hábito de compartilhar narrativas e análises sobre os processos de trabalho se fortalece com a sua própria renovação (SILVA, CÉSAR & BARROS, 2016).

Ela não está só. Uma professora informa a Celina que a professora de educação física possui tatames, e que ela poderia conversar com a professora de Arte, a qual também poderia auxiliar com algumas misturas de cores das tintas, uma vez que estavam com poucas tintas. Assim as crianças poderiam se pintar ou criar no próprio papel sua história. Celina começa a divagar em seus pensamentos...

⁹ Roger Mello é um escritor e ilustrador brasileiro. Nasceu em Brasília, em 1965. Vencedor do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen 2014, na Categoria Ilustrador. O prêmio é concedido pelo International Board on Books for Young People (IBBY), considerado o Prêmio Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. A patrona do prêmio é a Rainha Margrethe II, da Dinamarca.

A professora de Arte pergunta: “Celina, você não quer juntar as turmas, não?” Um projeto tão pequeno agora está tomando a dimensão de outros agenciamentos, outros interlocutores nesse processo. E como atrair mais colegas? O que as fariam motivadas a estarem envolvidas?

O coletivo: como é dialogar com outros que têm outra experiência? Haveria coisas que precisariam ser pensadas quanto ao projeto e ao movimento em que seríamos inseridos. O coletivo é o tempo todo construído. Como construir espaços de análise coletiva? Criar o coletivo para ultrapassar os modos que foram naturalizados. A liberdade é se indagar: Como estou fazendo? O coletivo entendido como plano de coengendramento e de criação, indicando um caminho peculiar e fecundo para a superação da referida dicotomia. O coletivo como campo de forças; há um campo de forças que constroem e reconstroem, fazendo transformações (ESCÓSSIA & KASTRUP, 2005).

Como se constrói um coletivo na escola?

Dois é bem melhor, mais pessoas pensando juntas é melhor ainda. Celina se alegra em ver a movimentação. “Demorou! Mas é possível. Que legal!” É notório que as relações contemporâneas têm sido marcadas pela proliferação de comportamentos individualizados. Paradoxalmente, no campo da educação vão sendo demarcadas necessidades de trabalhos colaborativos, em equipe, em rede, trabalhos solidários que produzem transversalidades. O diálogo é cada vez mais exigido.

Celina fala: “O que nos impede de nos unirmos também para conversa: um põe uma ideia, outro coloca outra ideia, que pode se conectar a outra ideia, e assim vão construindo um saber outro para o trabalho que não estava posto, algumas questões emanadas do trabalho?”

O percurso que impulsiona movimentos no coletivo cujos efeitos são de criação, outras normas, outros entendimentos não vislumbrados até o momento, e assim os trabalhadores da educação constroem conhecimento sobre seu trabalho.

A ideia do projeto vem de velhos escritos de Celina. Um caderno da faculdade onde ela rabiscava possíveis projetos para algumas de suas disciplinas. Sempre gostou de escrever, fazia registros acerca do que se passava com ela. A escrita é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de se fazer e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita deve ser vista como um corpo entre outros corpos, e não como um plano paralelo que os espelharia. Produz real e age diretamente nele, escrita ao rés do real... para falar desse corpo do escrito, que é tão real e interventivo na realidade quanto os demais corpos ou objetos do mundo... É nesse sentido que talvez possamos falar de uma poética, na contramão, metafórica ou representacional. Não se trata de representar um sujeito na escrita, mas de fazer da escrita o drama de uma voz que se faz na própria superfície das palavras, em meio a muitos cruzamentos que passam por elas, entre elas.

De um colega que a ajudaria inicialmente, agora já são quatro. O professor de Educação Física, a de Artes, o de Matemática e a de Português se ofereceram para ajudar na logística no dia da apresentação, e as turmas também iriam se juntar.

Proposta entregue à pedagoga: “Que dia vocês estão pensando em fazer isso?”

“No dia da família. Já está no calendário mesmo? [...]”

“Não temos dinheiro. ”

“E se enviássemos uma carta aos pais para trazerem algum lanche? São quatro turmas envolvidas, e os colegas de Arte e Educação Física ensaiarão uma música com as crianças. Bom, vai sujar um pouquinho, mas é conversar com as meninas da limpeza, não será fora do horário delas. ”

“Ufa! Como contagiar um colega de trabalho? Melhor, como contagiar vários colegas de trabalho? ”

Contágio como movimento para colaborar na construção de um corpo coletivo mais aberto e vital, aquele sem narrativa linear, mas que os agrupamentos

circunstanciais e a proposição de mente e corpo façam vir à tona afetações que produzam contágios a partir do processo movente.

Contagiar é o processo de propagação de crenças e desejos em um campo de abertura e de afinidades construídas em relação, é muito mais que convencer. Podemos convencer trabalhadores a participar de um projeto? Mas podemos partilhar com eles sonhos e desejos, de tal forma que esses trabalhadores também abracem o movimento e produzam estratégias para continuar participando, se disponham a conversar sobre sua experiência em diversos espaços com o fim de também produzir deslocamento em outros trabalhadores da educação. É muito mais que convencer. Contagiar, imitação, compreende uma abertura ao plano comum, no qual há a intensificação e o fortalecimento das linhas que unem o coletivo heterogêneo. O processo de contágio diz do engendramento de uma relação, da efetivação da intervenção na qual não há efeitos prontos e conhecidos (BRITO, 2018, p.49).

Esse movimento é conjunto, é cocriação: por meio dele se afirma um modo de agir conjunto, a efetivação em ato de uma relação que se construiu tendo como norte a saúde do trabalhador da educação.

2. COSATE: um fio desencapado

Como pensar o trabalho e descolá-lo do trefismo? Como balizar a questão do trabalho-ofício e atividade de transformação do mundo? Trabalho e adoecimento por várias vezes parecem ecoar nos ouvidos dos trabalhadores da educação, além de denotar a marca de adoecimento nos seus corpos. Não deveríamos, dada a importância do trabalho para a vida dos sujeitos, entender trabalho também como a participação e a solidariedade dos seus pares na produção dos sujeitos não dualizados?

Não se trata de compreender o “trabalho” de uma forma romântica. Discutir trabalho é necessariamente compreender a noção de sujeito como ator e autor. Além disso, buscar constante conhecimento das lutas contra os mecanismos de desqualificação.

A biblioteca. No dia seguinte, Celina decide ir à Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo, na empreitada de saber mais sobre Educação e Formação e de buscar materiais no auxílio de seu projeto das histórias às avessas. Que novas publicações têm sido produzidas pelos autores da área de Educação e Filosofia?

Crianças da Criarte¹⁰ estão soltas no *campus*. Não fica claro se elas estão apenas brincando ou se há algo, digo, alguma atividade com algum tipo de foco sendo trabalhado ali. Que experimentação é essa?

Curiosa, ao caminhar pela biblioteca, ela vê um cartaz no qual está escrito: “Ser sadio significa não apenas ser normal em uma situação determinada, mas ser, também, normativo, nessa situação e em outras situações eventuais. O que caracteriza a saúde é a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas (SAFATLE, 2011, p. 11-27)

Celina volta o olhar para as crianças da Criarte, olha por um tempo a que parecia ser a professora e se indaga:

¹⁰ A Criarte é a escola de educação infantil dentro do espaço da UFES.

“Como se deve dar o processo de trabalho dessa professora? ”

Enquanto caminha, vê um instrutor da exposição, que diz: “Quando se fala em saúde, a primeira coisa que geralmente vem à mente de muitos é não ficar doente. Mas a saúde não como estado de bem-estar. Porque há em nós uma concepção de saúde como estado do indivíduo cujas funções orgânicas, físicas e mentais se acham em situação normal. ”

Saúde não é isso? Ultrapassa esses portais predeterminados e nos lança a outros olhares? O conceito de saúde como ‘perfeito estado de bem-estar’ nos lembra de que tal estado parece supor uma existência sem angústias, por isso sem movimento e livre das contingências, desconsiderando que os erros e os fracassos fazem parte de nossa história. Se nosso mundo são os *loci* de desvios possíveis, a saúde não poderá ser concebida como carência de erros, mas como a capacidade de enfrentá-los (MORSCHER et al., 2014).

Vê outro cartaz onde está escrito: “Só se pode aceitar a vida sob a condição de ser grande, de sentir na origem dos fenômenos, pelo menos de um certo número deles. Sem potência de expansão, sem uma certa dominação sobre as coisas, a vida é indefensável” (ARTAUD, 1984)

E volta sua atenção para o instrutor, cuja fala era: “Saúde e doença não são concebidas como conceitos definitivos nem tampouco opostos, mas estão relacionadas com a trama da própria produção da vida e da existência.”

São conceitos que dependem de uma análise do lugar, dos tempos, dos contextos e das relações de forças em que cada um está inserido. Essa noção ampliada de saúde que os cartazes indicam envolve a dinâmica de sua conquista e preservação, expressando um constante e incessante jogo de forças. A doença passa a sinalizar a dificuldade de alterar uma situação que agride física e psiquicamente, produzindo adoecimento. Então saúde não pode ser abordada somente do ponto de vista da sua conservação, mas requer, até para poder “conservá-la”, a possibilidade de problematizar a vida cotidiana, criar novas questões e outras formas de estar no mundo; é lutar contra o que enfraquece, contra o que estabelece verdades definitivas (CANGUILHEM, 2010). Então qual seria o sentido para esse “trabalho”? O que é trabalhar sob

as condições que se impõem no cotidiano da escola? Não seriam os próprios trabalhadores os mais indicados para analisar as relações que no local de trabalho se estabelecem? Que sentidos para a vida e para o cotidiano escolar estamos produzindo?

Espaços de produção. É uma exposição dentro da biblioteca, Celina percorre lentamente, sem nenhuma pressa, observando alguns materiais utilizados na prática da Medicina, como: estetoscópios, aferidor de pressão. Ela continua caminhando e uma pintura lhe chama a atenção, a do corpo humano, e ela então pausa à frente da imagem. Um corpo dividido ao meio, de um lado o retrato anatômico do corpo, e a outra metade coberta por pele sem ao menos visibilizar que dentro há nervos, ossos, órgãos, como reflete bem a outra metade.

Celina exclama: será que não fazemos o mesmo com a nossa saúde e com o nosso trabalho?

Podemos pensar o conceito de saúde superando a limitação de equilíbrio e afirmar que a saúde é mais que ausência de enfermidade; é a potência de enfrentar as infidelidades do meio criando novas normas. Nesse sentido, o estado patológico ou anormal não é consequência da ausência de qualquer norma. A doença é, por sua vez, ainda uma norma de vida, mas uma norma inferior e que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, incapaz, dessa maneira, de se transformar em outra norma (MORSCHER et al., 2014).

A saúde se caracterizaria pela possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, tolerando as infrações à norma habitual e instituindo novas regulações para novas situações.

O patológico não existe em si, mas apenas em uma análise relacional. As normas mudam ao longo do tempo, assim como o meio. O patológico não é ausência de normas, porém a presença de outras normas vitalmente inferiores, que impossibilitam ao indivíduo viver um modo de vida anterior. Para um ser vivo, o fato de reagir por uma doença a uma lesão, a uma infestação, a uma anarquia funcional traduz um fato fundamental: é que a vida não é

indiferente às condições nas quais ela é possível, a vida é polaridade, por isso mesmo posição inconsciente de valor; em resumo, a vida é, de fato, uma atividade normativa. (CANGUILHEM, 2010, P.48)

Celina vai até o balcão onde se emprestam livros e vê numa bancada um pôster de uma palestra sobre “Precarização do trabalho docente: da violência ao adoecimento”.

“Que interessante!”, exclama Celina. Pega o pôster e começa a leitura. “É hoje, quinta à noite! Caramba! Se eu for hoje, que horas eu vou preparar as atividades das crianças amanhã? E se eu não for à palestra, quando terei uma nova chance de ouvir sobre isso?”

Olha as horas, tem pouco tempo até o início da palestra.

Sai da biblioteca, compra um lanche na cantina e escuta de alguns estudantes que uma professora estava de atestado. Pensa: “Não é só na escola que adoecemos, as professoras universitárias também adoecem.”

Enquanto espera, rabisca a sua aula do dia seguinte. Vida de professora. Às vezes é difícil dizer onde começa e onde termina o trabalho, a atividade.

Coincidências. Ao achar um lugar para comer e planejar a aula enquanto espera o evento, Celina escuta de algumas pessoas que adentravam o auditório da palestra: “Duas professoras estão de atestado no matutino.”

“E quem vai ficar com uma das turmas? Eu? Me diz, como segurar quase cinquenta crianças em uma sala?”

O mundo é menor do que Celina imaginava.

“Em conversa de professora contratada, DT não se mete. Não concordo, não.”

Outras ideias. 19 horas. Celina nem percebeu as horas seguirem seu rumo. Decidiu juntar suas coisas e estar no horário proposto para assistir à palestra.

Ela vai ao auditório. Ao adentrá-lo, encontra-o um pouco vazio. Acompanha os movimentos, senta-se numa das primeiras fileiras, aguarda o que ouviria. Estava um pouco descrente de que seria algo novo em relação a tantas

mazelas e repentes que tem ouvido sobre a precariedade do trabalhador docente.

Celina balbucia: “Um título tão importante, com poucos interessados!?”

Ou talvez: “Um título tão importante, com poucos convidados? ”

As pessoas vão adentrando aos poucos, solitárias ou em grupos, e o evento se inicia, com o auditório parcialmente cheio, muitos estudantes da graduação de Pedagogia, alguns da pós-graduação em Educação e outras professoras como Celina.

A palestrante faz uma apresentação breve de seu percurso acadêmico e traz à roda o tema proposto, que é a precarização que se dá nos processos de trabalho, e trabalho não é sinônimo de emprego. O vínculo frágil, a contratação temporária, a precarização dos próprios vínculos...

A educação permanente busca formar o profissional da educação no processo de trabalho. O que a professora está precisando naquele trabalho de maneira que não adoença não é só curso. Nós só pensamos diferente quando somos forçados. Quando as perguntas nos fazem sair do lugar, quando as próprias professoras dialogam sobre as condições de seu trabalho e a importância da produção do comum. Comum aqui não se refere a noções tradicionais de comunidade ou de público; fundamenta-se na comunicação entre singularidades que se expressam livremente. Por meio de seus diálogos, criam narrativas comuns.

Ao mesmo tempo, pressuposição e resultado: só pode haver cooperação se há partilha, e o resultado da produção cooperativa é a criação de uma nova partilha, uma prática em comum, ou seja, uma nova expressão comum na organização do trabalho.

E prossegue dizendo: as redes são necessárias nas relações, para que os profissionais de educação possam criar projetos de educação. Para o ser vivo não basta respirar; o humano precisa afirmar autonomia, vida é autonomia.

Celina olha para o auditório. Há um silêncio quase uníssono, os olhares voltados atentamente para a palestrante.

Sempre que o sujeito não se percebe autor de seu processo, o que gera é o sentimento de inutilidade. O que há de mais digno no ser humano? Sua capacidade de criação, e se essa potência de criação está diminuída e a potência criadora está sendo cerceada, há o primeiro movimento de violência, o da própria vida, que é criar e ser autor, ser produtor de normas, normas do viver. Quando isso não acontece, a professora adocece.

Questões. Celina percebe que não só ela, mas outros colegas também balançam a cabeça em sinal de que concordam com essas falas.

Ela está tão deslumbrada que pede à colega ao lado para fechar a boca. E a resposta vem lépida:

“Nossa, Celina, isso é balela de UFES. É porque você é novata e não sabe de nada!”

E pensa:

“Ah! Se a tia Nininha estivesse aqui, ia pegar essa filha da bexiga e colocar no lugar dela, lá fora.”

Como muitos profissionais da educação, a colega de Celina representa mais uma que desacredita em mudanças. Mais uma cansada usando o chapéu das situações instituídas no contexto escolar, de que nada vai mudar, tudo está ruim e não há nenhuma perspectiva de mudança, e de que muitas vezes o pessoal da UFES só quer fazer sua pesquisa, colher os resultados e nada muda.

A palestrante diz que o adoecimento da professora é efeito de como esse trabalho está sendo feito na escola – sendo essas professoras indicadores de outros que adoeceram ou que podem adoecer. Não podemos culpabilizar as professoras.

Não basta o discurso de crise do adoecimento; o importante é saber: como essa crise se instala? Que violência é essa? O que se pode efetivamente fazer para enfrentar essa violência?

Agora ninguém atrapalhou Celina, são os pensamentos que a levaram para uma realidade que está vivendo na escola, os colegas que estão de atestado.

E a fala da palestrante era:

“O que poderia propor para reverter essa situação de precarização e violência no trabalho? Interferir no processo de gestão do trabalho, ao invés de mandar professora para psiquiatria. Que nós, profissionais da educação, possamos pensar: como o trabalho está organizado? Como nos relacionamos no trabalho? Por que as pessoas estão adoecendo?”

O ser humano é um ser de relação; se a gente adocece, se sente violentado. O que faz com que o professor se sinta violentado? Quando não tem autonomia de criar outras coisas em seu trabalho, não apenas receber orientações passivamente. Não poder mudar normas instituídas. Esse funcionamento é que o violenta, então adocece. Certamente temos que olhar para as relações que nos ensinam o que tem feito esse sentimento de dor e violência.

Estamos apenas falando de intervir ou encaminhar a professora para tratamento? Precisamos intervir no processo de trabalho, interferir nas relações que se estabelecem nesse processo de trabalho. A violência e a dor do trabalho estão relacionadas com o modo como nos relacionamos. Por outro lado, o modo como as pessoas trabalham e como têm manejado os conflitos na escola é através da culpabilização.

Celina pensa nesse momento em uma frase corriqueira que muitas vezes é pronunciada pelo profissional:

“Ah, deixa ela/ele fora disso, é uma mala sem alça! ”

A palestrante continua: ela pode ser uma pessoa difícil de se lidar, mas certamente responde de certo modo sobre como as pessoas se relacionam na escola. E lança uma pergunta: o que traz dor e violência no trabalho?

Algumas pessoas participam trazendo falas como:

“O ambiente tão competitivo! ” Outra fala: “As cobranças cotidianas! ” Outro responde: “A rotina do próprio trabalho! ” E outro diz: “Qualificação técnica deficiente! ” Mais um: “Dificuldade para operar regras de ouro da profissão, como a do controle de turma. ” Uma professora se levanta e diz: “Inexistência de espaços de intercâmbio profissional e de planejamento das atividades docentes e relações hierárquicas consideradas burocráticas e autoritárias. E digo mais: falta de pessoal e material nas escolas, sem contar que não temos momentos de pausa sequer para beber água ou ir ao banheiro. ”

Celina lembra-se das professoras de atestado e sabe que vai sobrar para ela a turma.

E a palestrante diz: “A violência e a dor estão diretamente relacionadas ao modo como a organização do trabalho na escola está se efetivando. De forma autoritária, porque há uma separação entre os objetivos da escola e o que é importante para o coletivo dos trabalhadores. Na maioria das vezes, quando a gente chega na escola as orientações já estão prontas, ninguém pergunta: qual é o seu projeto para a escola? Ou como gostaria de trabalhar? ”

Nesse momento, alguns burburinhos no auditório: “É isso mesmo! ”

Ela prossegue entre o que a organização do trabalho espera e o que tem importância para o trabalho. Há uma distância e conflito de interesses. E nessa distância ocorre a violência. A violência se dá quando o trabalhador não é afirmador como gestor de seu trabalho. Então a violência está ligada diretamente à indignidade, à inutilidade, a essa sensação e a esse sentimento de que não sou autor e criador do processo de trabalho. O que importa para mim certamente não é o que importa para a organização do trabalho.

Quando a organização do trabalho te dá oportunidade de reinventar o trabalho a partir do que realmente importa, o trabalhador de uma forma geral compartilha o coletivo de trabalho. É aí que estamos efetivamente interferindo no que produz dor e adoecimento no ambiente de trabalho. O adoecimento vem porque não compartilho minhas dúvidas, as questões, o que gostaria de

trabalhar e não consigo. Quando fazemos a gestão do trabalho, produzimos saúde. E a gestão não é só o diretor da escola ou secretário de educação. O diretor tem uma função de gerência. Mas todos os trabalhadores também são coautores do seu trabalho, são gestores de seu trabalho.

Deise, que também é professora, vira para Celina e diz: “Vou me candidatar ano que vem para diretora, então o que eu vou ser? ”

Celina olha e diz: “Se for eleita, será diretora, uhu! ” Agora, que tipo de gestora, vai depender de como vai gestar. Diretora é gestora, mas não apenas ela.

Todos ouvem que o chamado gestor é o centro do processo de trabalho responsável por dirigir a organização, mas os sujeitos trabalhadores, cada uma de nós, temos desejos, produzimos, temos histórias particulares e gerimos nossa atividade coletivamente. Os trabalhadores portam saberes que, na organização do trabalho, se atualizam e se fazem constantemente. O porteiro tem saberes, a cozinheira, a secretária, a pedagoga, todos os trabalhadores de maneira mais ampla possuem esses saberes, e o processo de trabalho é como esses saberes se relacionam. É mais que se relacionarem e, sim o efeito de como se relacionam. É, nesse sentido, que os saberes fazem interferência uns nos outros, construindo outros saberes que não são a soma ou um colocado ao lado do outro, ou para entender melhor o outro. Um modo de funcionamento transversal de construir conhecimento. Dependendo de como eles se relacionam, os processos de trabalho serão autoritários e verticalizados, o que ocorre quando se considera o saber de um pedagogo, ou da diretora, como mais importante do que os saberes de uma cozinheira na escola.

A preletora questiona: vocês conseguiram entender o que quero dizer? É que há saberes diversos coexistindo. A criança sabe sobre ela mesma, sobre o que se passa ao seu redor, dispõe de saberes, pode nos interrogar, nos interpelar e contribuir para que repensemos as nossas práticas endurecidas.

Realmente são outros saberes.

Todos os saberes são importantes! As relações de poder verticalizadas e autoritárias acontecem quando atribuímos ao outro um saber “acadêmico” que

teria mais importância do que os outros. Às vezes, uma merendeira sabe coisas da vida de uma criança que em determinado momento a professora não sabe; noutra instante a criança sabe de situações que a secretária desconhece, porque elas sabem das histórias, dos fatos, dos acontecimentos que muitas vezes o outro não sabe. Os saberes na escola não podem estar hierarquizados, mas precisam estar em diálogo.

Somos levados a tensionar estratégias que se constituem no esforço coletivo, incorporando à produção de conhecimento saberes que atravessam os trabalhadores da educação e as redes que por eles são firmadas ou agenciadas. Nesse envolvimento, há diversos saberes a partir de situações do cotidiano. É necessário reconhecer que ninguém sabe tudo e que a riqueza se produz da dinâmica em reconhecer sua própria incultura, em relação ao saber que vem do outro sujeito para perpetrar esse entrelaçamento do saber. Saber ouvir o outro na diferença, na controvérsia, daí emerge a possibilidade de desenvolver diálogos mais colaborativos e proporcionar mudanças. Celina vira para Deise e diz: “Já tem o caminho das pedras de como gestar, caso seja eleita” [risos].

A palestrante continua dizendo que quando se colocam saberes em diálogos, aí, sim, a gente faz política pública. Porque política pública não tem a ver com o fato de a escola ser do governo estadual ou municipal; política pública se faz quando pessoas se dispõem a conversar lado a lado, é produção e coletivo construído no diálogo entre pessoas e ideias.

A produção de sujeitos e a produção da atividade de gestão do trabalho na escola se fazem por meio da intercessão entre planejar, decidir, executar e avaliar, o que geralmente é separado na escola. Por que um planeja, o outro decide e o outro executa na escola? Conseqüentemente, surge o adoecimento pela separação. A lógica do capital se mantém por isso; não é o trabalho da ponta que planeja, ele só executa o que alguém planeja. Quando o ser humano é convocado a só executar, isso será sentido como: violência, dor e adoecimento. Pois sua capacidade criadora é cerceada pela captura do automatismo. A potência é a força para criar a novidade, mudar as situações que, sozinhos, muitas vezes não temos a clareza de que vão avançar muito.

Não necessariamente por só executar, mas antes porque não se cria, ou seja, criar os modos de executar. O que violenta é esse percurso em que a liberdade está impossibilitada e, assim, diminui a potência de agir. A impossibilidade de criar normas em seu próprio trabalho é o que violenta, porque não é reconhecido como alguém que sabe mais de seu trabalho do que quem o planejou, então a possibilidade de adoecimento.

Irvino vira-se para Celina e sussurra: “Tá vendo quando eu falo umas coisas lá na sala das professoras que têm a ver com a gente, professora? Olha aí: ela disse tudo. Precisamos conversar mais.”

Celina sorri para o colega, não sabe o que dizer. Muita “informação”.

E continua escutando que os sujeitos enfrentam mundos, criam realidades e resistem. Há uma indissociabilidade, impossível separar teoria da prática e dos modos de educar, dos processos de gestão do trabalho. Não adianta a ilusão de que vamos acabar com o adoecimento, com a dor, com a violência no trabalho, se não fizermos interferência radical no modo como o trabalho se organiza. O modo de organização do trabalho que não produz violência é exatamente aquele onde planejar, decidir e executar se fazem numa roda de diálogos. A dor e o prazer do trabalho vão ser experimentados por todo trabalhador que está relacionado com o modo como os vínculos se efetivam no processo de trabalho. Porque é nas relações que temos que intervir.

Agora a palestrante propõe sair do discurso de dor, prazer, violência e trabalho e falar de redes. A proposta é que o trabalho da educação se faça como uma rede de conversação. A violência e a precarização se dão porque as redes não estão aquecidas.

Pergunta: “O que são redes?”

Deise logo fala das redes de comunicação.

Um graduando em pedagogia diz: “São as sociais.”

Celina responde: “De peixe” – e comenta com Deise: “Porque estou morrendo de fome” [risos].

A palestrante diz: “O que importa na rede não são os nós, mas entender os nós como efeitos das relações que se efetivam, que se atualizam, que se fazem entre a escola, entre as professoras. Rede é multiplicidade, e essas multiplicidades se diferenciam. A rede não é restrita à escola ou à Secretaria de Educação. Temos essas e as atividades da comunidade, conselhos de escola, CEREST, sindicato, fornecedores e muitos outros.”

A palestrante vai falando de diferença e não de igualdade.

“E para concluirmos”, diz ela, “a violência e o adoecimento estão relacionados com a rede, que se esfria. E não produz conversas, dialogismos. Qual é a nossa possibilidade para acolher a diferença? Não é respeitar o diferente! Diferença implica heterogênesse. ”

Formas coletivas de pensar o trabalho.

C-O-S-A-T-E.

Os ouvidos de Celina estavam atentos a essa nomenclatura.

“O que é isso? Cosate? ”

Indaga Celina: “Lá vem mais uma novidade das inúmeras coisas criadas, arranjadas, nesse mundo da educação? Será que as questões da escola serão resolvidas por essa comissão? ”

Será que a Cosate daria conta de resolver os motivos que desencadearam tantas dificuldade e desafios na educação?

Estranhando a palavra Cosate, Celina se pergunta: “Mas o que é a Cosate? De onde surgiu? Quem criou? Desde quando isso vigora? A mando de quem ou para quem ela existe? ” Balbuciando, ela continua: “Nunca ouvi falar dessa tal Cosate. Tenho frequentado congressos, colóquios e feiras de educação! Não faltou aos eventos. Como nunca ouvi falar dessa tal Cosate? ”

A palestrante informa que teremos um curso de Formação em Saúde em Educação em Serra. Os(as) interessados(as) devem procurar o *site* da Prefeitura do município para fazerem a inscrição. Acrescenta que a Cosate não

é uma tábua salvadora, mas uma aposta em colocar em análise os processos de trabalho por meio de diálogos no ambiente escolar.

Enquanto ela fala, Celina pega a caneta e anota as informações na caderneta.

Vem à mente de Celina a ideia de que fez a faculdade e nunca ouviu falar sobre isso. A gente pensa em saúde, mas não pensa em saúde na educação. Fala de diário, alunos, como lidar com suas deficiências, que a professora tem que dar conta, chamar a atenção do aluno, ter o plano de ensino, fazer reunião com os pais, boletins, preencher pautas...

Celina, ainda estupefata, escreve no seu caderno: o que é Cosate? Comissão de Saúde do Trabalhador de Educação de Serra, um espaço para pensar estratégias de prevenção e promoção à saúde do trabalhador de educação.

Sai do evento como se um furacão tivesse vindo ao seu encontro, mas sente com o corpo uma ventania que produziu tantas palavras, ideias e imagens com a escuta que tivera, questões que não cabiam em sua mente. Caminha até o ponto e embarca. Tenta pausar diante de tudo que ouvira, mas sua cabeça viajava com a Comissão de Saúde do Trabalhador.

Comissão. Uma fresta? Um possível?

Mas o que pode uma comissão? E fica divagando em suas exclamações, até que passa do ponto do desembarque.

Celina recorda ter ouvido a palestrante dizer que a Cosate é uma estratégia que não se sabe *a priori* aonde vai dar. E que emergiu de uma aposta na produção de espaços cogestivos de avaliação do trabalho, tendo como diretriz subsidiar compartilhamento, a circulação de afetos e palavras em torno do tema saúde do trabalhador. A aposta é na análise dos processos de trabalho e no compartilhamento de estratégias de ação como forma genuína de fazer frente à massificação, à sujeição e à despotencialização da vida coletiva.

Mais um dia de trabalho dentre muitos outros nesse ano letivo.

Celina exclama: “Muito barulho hoje, as crianças estão agitadas demais!”

Ou é Celina quem está agitada pelo evento que fora sobre a saúde do trabalhador em educação?

A escuta no evento do dia anterior havia fissurado seu modo de ver o trabalho. Ela sujeito objeto, acompanhando o processo, compartilhando o caminhar e os elos da/na rede. A escuta marcada por pontos de bifurcação, por zonas de indeterminação, por pequenas quebras.

A palestra a que assistira sobre “Precarização do trabalho docente: da violência ao adoecimento” era voltada para a multiplicidade de determinantes do processo saúde-doença, um olhar como forma de enfrentar adversidades como estratégia para pensar mundos, a participação dos trabalhadores na definição das políticas, no controle social e na avaliação das ações.

Celina, voltando o olhar para a escola, depara-se com uma prática que caminha na contramão de tudo que ouviu. Assinou o recebimento de uma circular na qual estava escrito que nenhum docente com regência de turma poderia se ausentar da sala de aula durante seu turno.

Ao adentrar a sala, retoma a atividade da História às avessas que está trabalhando com seus alunos, que é uma experimentação de leitura. Convidou os alunos a se sentarem no chão. Quem quisesse poderia deitar para ouvir a história. Arrumou uns tatames com algumas almofadas, proporcionando um ambiente aconchegante.

E começou contando a história... A pedagoga passa em frente à sala, entra sem pedir licença e pergunta o que está acontecendo. Celina responde: estamos contando uma história. A pedagoga diz que não poderiam fazer isso, as crianças poderiam dormir na sala, se algum pai passasse por ali iria pensar que ela não dá aula, isso seria muito ruim para a escola. E pede que ela arrume a sala, retire o tapete e as almofadas e retorne com as cadeiras.

Celina rubra de raiva. Olha para a pedagoga e explica que o projeto é contar a História às avessas e que há outras professoras também envolvidas na proposta de trabalho. A pedagoga concorda em agendarem um dia para conversarem sobre o projeto.

Celina não se incomoda em pressionar para uma data breve, uma vez que a escola está se preparando para a feira cultural e há muitos movimentos. Daí teria tempo em confeccionar “burocraticamente” um projeto, apresentar e tentar manter seu projeto inicial.

Na saída, Celina conta o ocorrido para a professora de Arte sobre o projeto Histórias às Avessas e debulha sua raiva, sua angústia, pelo modo de gerenciar da pedagoga.

Na conversa, a professora de Arte diz para Celina que prefere fazer o feijão com arroz todos os dias, o básico, nada de ficar inventando coisas. Também só faltam dois anos para se aposentar, e não quer ficar mais doente do que já se encontra. A melhor coisa a fazer é fazer o seu, ficar na sua, evitar barulho e tumulto: “Você se aborrece menos, Celina, me escuta. E o seu pagamento vai estar do mesmo jeito na sua conta.”

Celina vai para casa com uma baita dor de cabeça, chateada, e cogita dar acabativa ao projeto Histórias às Avessas. Como produzir o novo sem ser da ordem da desqualificação? A questão é: quais são os embates que surgem nesse processo? Como se alimenta a controvérsia sem que ela se reduza a alguma coisa da ordem da desqualificação? Que trabalho é esse que se organiza e que a pedagoga pode dizer o que pode ou não fazer? Como essas relações se dão?

O projeto precisava ter sido colocado na pauta, discutido em reunião, para ver se tem a ver com a proposta ético-político-pedagógica da escola?

Celina tira o seu chapéu do sabe/pode tudo que tem de ideia para a escola e traz sua peixeira no movimento de análise de que a sala de aula faz parte da escola, e que as decisões precisam dialogar nesse ambiente. E que as decisões ganham mais força quando são compartilhadas no coletivo, aquecendo as redes de pais, professoras, alunos e os demais profissionais da educação.

Produzir o novo é inventar novos desejos, novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na

conversa, nos costumes, no lazer. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência; ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, propaga-se, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação (PELBART, 2003, p.19).

“Tudo bem! ”, pensa Celina.

“Vamos ter a hora do parquinho” – quem sabe Celina possa conversar com alguma professora.

Havia uma pergunta que pairava: “Onde posso encontrar informações que falem da constituição dessa tal Cosate? Será que só eu não sei o que é essa comissão? ”

Toca a sirene. Que barulho insuportável! É a hora do parquinho.

Celina sai olhando alguns colegas, mirando em outros, e logo encontra Verônica, também professora de longas datas. Começam a conversar.

Celina pergunta: “Já ouviu falar da tal Cosate? ”

Verônica fala: “Ei, Celina, tudo bem? Estou sabendo que você anda buscando informações sobre essa tal Cosate. Olhe lá no mural, vai ter alguma coisa na Câmara Municipal de Serra. Não sei direito. Você é concursada, pode saber melhor do que eu, que sou contratada.”¹¹

Celina sai no galope e grita pedindo a Verônica que olhe seus alunos. No mesmo instante, ouve a sirene. “Oh, não! Terminou a recreação! ” Tem que voltar para a sala com os alunos, só na saída poderá ver do que se trata a informação no mural.

Ao retornar para a sala, algumas inquietações surgem novamente, como a questão de por que mais um distanciamento entre DT¹² e estatutário. “Por que

¹¹ A professora contratada no Município de Serra participa de um processo seletivo onde são avaliados prova de títulos, tempo de serviço, exames e atestados de saúde e idade. É um processo classificatório, e as professoras selecionadas são contratadas para um período letivo. Não há prova objetiva. É o processo chamado de DT (Designação Temporária).

¹² Designação Temporária: são os profissionais contratados pelo período letivo, o mesmo que professora contratada, conforme explicado anteriormente.

Verônica não procurou saber detalhes sobre a Cosate, só pelo fato de não ser servidora pública concursada? ”

Ao termino do expediente, Celina vai até o mural e vê a lei 1.824/95. Vai folheando e lendo algumas coisas. Vê no Art. 3º: Para os fins desta Lei considera-se: I - Servidor Público: a pessoa legalmente investida em cargo público; VIII - Quadro Transitório: o conjunto de empregos ocupados por servidores regidos pela C.L.T., não estáveis ou com estabilidade provisória, em extinção na forma prevista no Regime Jurídico Único.

Algumas coisas ficam mais evidentes para Celina com relação à fala que ouvira anteriormente. Por exemplo: que há uma lei, a de n. 2.360, de 15 de janeiro de 2001, que dispõe sobre o estatuto dos servidores públicos do município de Serra e dá outras providências.

Retorna à sala e, guardando os materiais no armário, encontra algo que parece uma cartilha, um livro com algumas dobraduras, dando a entender que o percurso da leitura já havia sido feito. Para seu espanto, ao manuseá-lo percebe que é o Relatório sobre Fórum Cosate. Começa a folhear, fica interessada e deseja conhecer.

Enquanto aguarda o ônibus, folheia o relatório e encontra várias anotações. Por fim, reconhece uma das letras das várias observações que havia no relatório; por certo ele fora estudado por outras pessoas.

Paciência. Decide ligar para Verônica a fim de obter algumas respostas. Esta moça prontamente explica que no relatório, na parte de siglas, vai encontrar a explicação melhor. Celina folheia o relatório e lê em voz audível para a amiga que PFIST é Programa de Formação e Investigação em Saúde do Trabalho, sinalizando que havia encontrado a parte indicada.

Verônica diz que é um grupo de estudos no qual a professora Beth e seus orientandos de mestrado, doutorado, pós-doutorado e alunos de iniciação científica encontram-se regularmente às segundas-feiras. Pertence ao NEPESP, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política, inserido na UFES, Universidade Federal do Espírito Santo.

Celina pergunta: “Só esse público pode frequentar as reuniões? ”

Verônica responde: “Todos e todas são bem-vindas. Há uma proposta de trabalho. Como você está procurando sobre a Cosate, vá participar um dia.”

Algumas novidades borbulham na mente de Celina. Está nascendo algo. O desejo de conhecer e experimentar a Cosate, quem sabe, começando a fazer sentido para Celina. Mas há muito que explorar e experienciar sobre a Cosate. Esse aprender cultiva nela a necessidade e a disposição de conhecer melhor.

Folheando o relatório, Celina descobre que é uma experiência-piloto sobre o Fórum Cosate que tinham como objetivo implementar nas escolas de Serra/ES tais comissões.

O que Celina folheia é o Relatório das Comissões de Saúde do Trabalhador de Educação em Serra/ES, que foi elaborado a partir das atividades e ações desenvolvidas pelas Cosates do projeto-piloto em duas escolas, sendo uma o CMEI Olindina Leão Nunes e a outra o EMEF Manoel Carlos de Miranda, no ano de 2014.

Olha o céu azul, sem nuvens, provavelmente será um dia muito quente. Hoje terá um PL, e a conversa na sala das professoras é sobre a viabilidade em fazer o Curso de Formação. Algumas animadas com a possibilidade de fazer um curso que fale de saúde e tenha espaço de conversas na escola; outras interessadas apenas no certificado da UFES e na possibilidade de participar do processo seletivo e ter melhor colocação; outras pensando que a rotina com trabalho-casa-filhos as deixaria muito cansadas e inviabilizaria a participação.

Celina lê para os colegas que o curso de formação para profissionais de educação que atuem em Serra tem como objetivo contribuir para a compreensão das relações saúde e trabalho na educação.

Verônica fala: “Explica melhor esse curso aí, Celina. Sabe como é, para progressão é muito bem-vindo. Pode dar melhores explicações? ”

Celina olha as horas e vê que ainda tem um tempinho do seu PL. Vai até o computador, verifica se a impressora está funcionando, porque com os cortes

na educação, ter uma impressora com tinta e papel é um achado e tanto. Aproveita o momento, imprime uma proposta do curso e mostra para Verônica. E já aproveita para fazer outra cópia e deixar em cima da mesa para que outros colegas possam ver e, quem sabe, também façam o curso.

A multiplicidade, aqui, também obedece a outra lógica: ela não forma um todo. Ela é como um rizoma, subterrâneo ou aéreo. Acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra-aqui, movimentos do desejo, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente (GUATTARI e ROLNIK, 1986).

As cópias estão prontas; a impressora no modo rápido e econômico deu conta de tudo direitinho.

Gerência de Formação
Centro de Formação "Prof. Pedro Valadão Perez"

Curso de Formação: Saúde no Trabalhador de Serra 2019

O curso de formação ofertado aos profissionais da educação que atuam em Serra tem como objetivo contribuir para compreensão da formação em saúde, visando analisar as práticas implicadas sobre o trabalho, facilitando intervenções que promovam a autogestão. A abordagem metodológica e bibliográfica terá como eixo o *Caderno de formação: Saúde no trabalho em educação*, Fundacentro, 2017.

- 1- Local dos encontros: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES Campus de Goiabeiras).

Horário: das 18h às 21h.

Período: de maio a outubro de 2019.

- 2- Conteúdo: o curso abordará as temáticas: saúde, redes, vigilância, lutas, políticas públicas e experiências.

- 3- Cronograma

2.1 Primeiro encontro:

2.2 Apresentação e contratação

Maio:	07	14
Junho:	04	18

Julho	02	09
Agosto	06	20
Setembro	03	17
Outubro	01	22

4- Plano de Ensino

Objetivos: Contribuir para compreensão da formação em saúde do trabalho, visando analisar o controle que as mesmas exercem sobre o indivíduo.

Promover debate e a reflexão educativa do trabalho.

Criar espaços de diálogos no ambiente escolar.

5- Proposta metodológica: Utilização de variadas mídias, o diário de campo e estratégias de ensino-aprendizagem, com leituras de textos, aulas em outros ambientes a fim de proporcionar aos discentes interesse e participação efetiva nas atividades.

A partir da problematização dos assuntos abordados, os conteúdos poderão ser desenvolvidos por meio de: estudos dirigidos (individual e/ou em grupo); aulas explicativas e dialogadas; elaboração e/ou confecção de matérias recicláveis, apresentação e exposição de painel, fotos e/ou mural. Que nos force a pensar, a criar e experimentar.

5.1- A avaliação se dará por colocar em prática a experimentação como atividade crítica sustentada através da confecção de um projeto que amplie o espaço de diálogo no ambiente de trabalho, como prática de produção de realidade e sua implantação, e seus resultados não como esclarecedores do que se havia pensado, mas para evocar novas direções no/do poder de agir do coletivo. Confecção do Mapa de Risco. E por fim trabalhar o diário para acompanhar os movimentos, uma estratégia para as análises. Criar espaço de escuta para as demandas.

Bibliografia:

BONALDI, C. M.; CRUZ, C.B., CORREA, J. A.J *Caderno de formação: Saúde no trabalho em educação*. Vitória. Fundacentro, 2017.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

TEIXEIRA, R. R. As dimensões da produção do comum e a saúde. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 27-43, 2015.

TORRES, A. E.; PASQUINI, J.; SANTOS, L. A.; YASUI, S. A roda em movimento e os movimentos da roda: refletindo sobre experiência. *Cad. Bras. Saúde Mental*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 96-104, jan. /jun. 2017.

Jornada dupla. Sabemos que os profissionais da educação trabalham o dia todo. O curso ocorrendo no período noturno favorece mesmo as participações? Mas não há nenhuma garantia de uma boa adesão por parte dos profissionais da educação por conta do cotidiano e suas demandas.

3. FOI, FORAM, FÓRUM

Celina pergunta: “Vocês já ouviram falar desse fórum? Será que isso é uma política do governo de Serra? Tem alguma relação com as Cosates?”

Zezé responde que já havia ouvido falar, que as reuniões ocorriam numa escola próxima à que ela trabalhava. Mas nunca teve a oportunidade de

participar. Sabe como é a rotina da escola, tem que ter professora substituta para liberar, precisa de autorizações e essas burocracias misturadas com a norma, e tem hora que nem dá para saber se vão ou não liberar. Porque você sabe: quando querem sempre dão um jeitinho, mas quando não querem, aí não tem jeito mesmo.

Movimentos. “Bom, Celina, vê lá na sua escola como vai ser sua liberação. Eu trabalhei nas eleições e tenho direito de compensar, então não terei problema, assim eu espero! Já vou chegar na escola avisando, para que tenham tempo hábil em se organizar pela minha ausência.”

Celina fala: “É, Zezé já vou procurar saber como pode ser feita a liberação para participar do Fórum. Sabe como é, estamos com uma diretora nova na escola, precisamos nos inteirar para fazer as coisas certas, mas também assegurar nossa participação nos movimentos.”

Celina chega à escola e conversa com a diretora, que alega não poder liberá-la porque não tem como pedir uma professora substituta e não haveria nenhuma possibilidade de faltar nesse dia, mas que ela ficasse à vontade em procurar outros meios.

Ela sai pensativa, tentando achar alguma maneira de participar do Fórum, ao mesmo tempo que sabe de suas responsabilidades com a escola. E por cuidar da sogra, decide marcar o cardiologista para o dia do Fórum, de maneira que possa ter um atestado, articulando para que sua sogra seja a primeira pessoa a ser atendida e dê tempo de participar do Fórum.

Ao chegar para a reunião do fórum Cosate, Celina passeia pelo espaço escolar e fica sabendo que essa escola participou do projeto-piloto da Cosate. No acervo da biblioteca, há um livro com a capa diferente. Ela começa a folhear e percebe que não é um livro como os outros; há muitas fotos, e as folhas são impressas só de um lado. Isso lhe chama a atenção, e ela passa a ler.

Em suas primeiras páginas, encontra algo escrito assim: reunião – 02/08/2012, todas que compuseram a primeira reunião do Fórum Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST), Centro de Referência em Saúde

do Trabalhador do Espírito Santo (CEREST-ES), Ministério Público do Espírito Santo (MP-ES), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES), Conselho Municipal de Educação do município de Serra, Fundação Jorge Duprat e Figueiredo (Fundacentro), Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Serra (DMST-Serra), profissionais de escolas municipais de Serra e de outros órgãos vinculados à Secretaria Municipal de Educação de Serra (SEDU-Serra).

Celina vai folheando e lê que nessa reunião o PFIST convoca por meio da Rede de Atenção a confecção de fôlder, *release*, *banner* e cartazes com falas das professoras como forma de sensibilizar os profissionais de educação.

Ao virar a página, encontra mais uma reunião que ocorrera no dia 30-8-12 e que fala da importância de ter os trabalhadores da educação, além dos docentes. E há um apontamento de que os problemas causados pelos ruídos e a violência têm adoecido os profissionais.

Há também uma anotação de que, por unanimidade, escolheram a região de José de Anchieta para início das Cosates. E um pequeno grupo irá a essa região e a uma assembleia com os servidores e à audiência pública na Câmara Municipal de Serra para apresentar o projeto Cosate.

Nesse momento, Zezé adentra a sala em que Celina está fazendo sua leitura tão concentrada.

A fala que surge: “Consegui chegar, Celina. Foi o maior custo, quase não me liberam, mas estou aqui. O que você está lendo nesse livro?”

Celina fecha um pouco o livro no intuito de mostrar que era um livro do acervo da Cosate.

Zezé, toda esbaforida, diz que era para procurarem a sala, senão iriam perder o início da reunião. E ambas saem à procura da sala. Ao encontrarem, percebem que teriam alguns minutos até a chegada de todos.

Celina persiste em sua leitura: **Reunião – 01/10/2012**. Propostas de adequações da Lei Cosate estadual. E os objetivos começaram a ser

delineados. E foi decidido acrescentar ao final do artigo 4º um parágrafo único com o seguinte conteúdo: *Todas essas ações deverão ser realizadas com a participação dos trabalhadores, com ampla divulgação nos locais de trabalho.*

O livro é fechado, e a ficha de Celina começa a cair.

Sussurra para Zezé que a Cosate é para todos os trabalhadores da educação. Zezé responde: “Que interessante! Vá lendo e depois me conta, ando sem tempo ultimamente.”

Reabre-se o livro e a leitura é sobre a **Quarta reunião – 25/10/2012**. Trata da inserção no Projeto de Lei de pontos importantes que tangenciam a comunicação:

XIII- *Divulgar* a todos os trabalhadores de modo permanente informações relativas à saúde, segurança no local de trabalho;

XV- *Publicizar* as atas das reuniões da COSATE e todo e qualquer documento ou informações relacionadas às condições e local de trabalho;

XVI- *Realizar anualmente uma semana de saúde e condições de trabalho* com atividade e temas apropriados aos vários setores de atividades de Educação Pública Municipal, acontecendo durante uma semana no horário de trabalho das repartições, órgãos públicos e unidades de ensino.

Após a leitura, Celina começa a se questionar: por que não havia até o presente momento recebido nenhum comunicado sobre a Cosate na escola?

Indaga nesse momento ao professor Irvino se sabia sobre a Cosate, pois acabara de chegar à reunião.

Irvino responde que sim, e que já participou de algumas reuniões do Fórum. A que lhe chamou mais a atenção foi a do dia 25/10/2012, o quinto encontro, no qual as considerações foram sobre a importante alteração que garante interdição, embargo e recusa ao trabalho sob risco grave, considerando-se grave e iminente risco toda condição ou situação de trabalho que possa causar acidente ou doença relacionada ao trabalho com lesão grave à integridade

física, psíquica e social do trabalhador. Também a inserção de quais órgãos acionar nesse caso (MP, Secretarias...); e foi acordado que os Conselhos de Escola e Conselho Municipal teriam controle sobre a Cosate.

Irvino aproveitou para relatar uma situação de uma escola em que trabalhou. Era dia de prova do PAEB, e ao dobrar a esquina percebeu um certo tumulto no portão da escola. Ao caminhar pela rua, ouvi alguns burburinhos dos alunos, que falavam assim quase que por um sussurro: “Professor, hoje não vai ter aula!”

“Nesse momento, muitas coisas passavam pela minha cabeça, Celina. Como o caos que é quando não se tem aula, porque a professora é obrigada a repor o dia letivo. ”

E o professor Irvino vai relatando: “Como não vai ter aula? Esses alunos adoram inventar modas, dar olés nas professoras. Conforme fui me aproximando da escola, já sentia um cheiro diferente, e a cada passo que me aproximava da escola, mais forte ficava o cheiro de remédio pelo ar, parecia ser de inseticida. E fiquei pensando como seria chegar na escola e ter que dar aula com esse cheiro tão forte. ”

Quando Irvino chegou ao portão, era o verdadeiro caos: professoras e alunos passando mal. A quem poderiam recorrer? Ligar para a SEDU? Para a empresa que fez a dedetização? O que fazer com os alunos? Dispensar ou não? E a prova de avaliação que tem data fixa, marcada em calendário? E as professoras, serão ou não liberadas? Como repor esse dia?

Sentiu que tinha alguma coisa estranha. Chega na portaria e sente que as coisas não estão como sempre estão. Passa pelo porteiro e vê que ele está um pouco chateado, um pouco rubro, parecendo sentir algum desconforto. Entra no pátio da escola e vê que as pessoas estão um pouco agitadas, até ele perceber num dado momento que as pessoas que se encontram ali estão numa situação insuportável por causa do cheiro.

Irvino indaga a Celina se ela sabe o que é chegar na escola e sequer conseguir trabalhar porque está inabitável o lugar. E como é ruim isso, chegar no

ambiente de trabalho sem ter condições de trabalhar e ter que cumprir com todas as inquietações, o cuidado com os alunos, mas também com as professoras.

Ele relata para Celina que foi uma bateção de cabeça do que e como fazer para solucionar a situação.

Celina questiona Irvino: “Você acha que se a escola tivesse uma Cosate a situação teria tomado outros rumos? ”

Irvino balança a cabeça e diz que provavelmente algumas decisões e movimentos poderiam ter sido diferentes do que ocorreu na ocasião.

A reunião do Fórum já havia começado, e Celina se apercebe quando escuta uma fala de que a Cosate já é uma proposta de lei, cujo número é 4.513, e iria para a Câmara Municipal de Serra/ES na próxima quarta-feira, para votação dos vereadores para se tornar lei.

4. À SAÚDE

Ao tentar analisar os problemas de saúde relacionados ao processo de trabalho, temos a compreensão da sua dimensão social e política, o que possibilita entender a saúde dos trabalhadores como a expressão de força.

Saúde? É crucial a afirmação de que saúde não é o antônimo de doença. A relação entre o adoecimento e o processo de trabalho... vai muito além.

“Oi, eu queria reservar a sala de vídeos para minha turma. Mas você é nova aqui? Sou Celina. E você? ”

“Lena. Sou eu que vou ficar no lugar da Vilma. Parece que ela tá de licença, e como eu estou em disfunção de cargo, me mandaram para cá. Mas você quer a sala para qual dia e qual hora? ”

“Um momento. Parece que nenhuma professora pode usar a sala de vídeo por dois dias, não. É uma ou duas vezes por mês só. ”

Práticas de vigilância. Vigilância pode se dar de várias formas, e a cada vez que vai tomando força, impedindo nosso ir, vir e agir, também é um instrumento adoecedor. Podemos entender, então: se algumas forças (pre) estabelecidas não nos permitem ou tentam nos limitar a ir, criar, inventar, formatar, já é um alerta à “não saúde”.

“Sério? ”

Por que algumas questões que a escola nos apresenta não seriam “sérias”?

Cada coisa com que Celina se depara e não entende é mais uma coisa que a faz querer criar outras que escapem desse aprisionamento. As coisas são sérias e organizadamente feitas para que o sistema instituído funcione. Imagine uma escola onde seu corpo pedagógico, com tanta coisa para fazer e dar conta, ainda tenha que lidar com professoras que a todo tempo indagam o instituído? No caso de Celina, lhe parece que só ela se interessa pela sala de vídeos e informática tantas vezes.

Assunto para reunião. A pressa, às vezes o medo, o desacreditar em mudanças, o cansaço são muitas das coisas que distanciam professoras de reivindicar. “Vou aproveitar e perguntar para a professora de Arte e de Português por que elas usam pouco o laboratório. ”

Mas a reunião é tão rápida!

“Será que depois eu consigo falar com a pedagoga? Eu vou.”

Celina recorda-se da aula do curso que falava da saúde no Brasil, de que isso ainda pode ser considerado uma novidade, mas a prática da Medicina do Trabalho surgiu na Inglaterra em meados do século XIX, em decorrência da Revolução Industrial e da sobrecarga de trabalho sobre os trabalhadores. Em uma fábrica têxtil, foi implantada a presença de um médico para verificar as causas do adoecimento no local de trabalho. A preocupação do proprietário da fábrica não era realmente com a saúde dos trabalhadores, mas com a baixa produtividade que estava tendo o trabalho, por conta do absenteísmo de seus funcionários. Foi uma estratégia bem elaborada nos moldes capitalistas.

No ano de 1919, é criada a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a fim de fomentar a formação de médicos do trabalho e o estudo da organização de Serviços da Medicina do Trabalho. Em 1958, a denominação de médicos do trabalho é remanejada para Serviços da Medicina do Trabalho (MENDES e DIAS, 1991, p. 341-349)

“Como as coisas se interligam”, passa pela mente de Celina. Retoma a leitura do livro que falava sobre a Cosate. **Sétima reunião – 21/02/2013**. Aqui o reforço na importância e nas garantias da participação do trabalhador, em diálogo com análises e pesquisas temas, de forma que ele discuta seu modo de trabalho em relação ao que se passa no mundo. Também reforço na garantia do diálogo e publicização das ações da Cosate. Recorrer a análises e tecnologias de forma que haja estudo constante sobre desenvolvimento de mecanismos que produzam saúde no trabalho.

5. JUGGLER DE CELINA

(Malabarismos de Celina/Cosate)

Celina está participando de um curso de Formação em Educação. Hoje continua falando sobre saúde, e o interessante é que em uma das falas foi pontuada a questão de que a saúde não é ausência de doença.

A Coseteira pronuncia nesse momento: “Mas falando de saúde de movimentos, uma saúde coletiva, pensar: por que o ambiente escolar tem produzido tanto adoecimento?”

Celina pensa: “As falas silenciadas, os embates com a gestão autoritária, a qual visibiliza somente o diálogo verticalizado, a questão em lidar com os pais, as cobranças cotidianas, a ausência que há quanto à família, entre outras coisas...” E fica rubra!

Os cursistas vão escutando.

A escola não é só conteúdo, mas causa adoecimento quando o conteúdo é a última coisa em que o profissional de educação consegue pensar. Por que o ambiente escolar tem produzido tanto adoecimento? Com o adoecimento físico, os sintomas, eles vão se afastar, com depressão, problemas de voz, que envolvem o número de alunos numa sala de aula (problema com a ortografia). O suporte para dar conta das demandas que são cobradas. Os recursos que são poucos e os salários baixos são causas que contribuem para a falta de saúde na educação.

Faz-se necessário pensar: como nós, profissionais da educação, vamos lidar com isso? Desconstruir os paradigmas segundo os quais o profissional de educação adocece porque é fraco... Não se trata disso. São falas estereotipadas. O adoecimento não é individual, porque o que adocece são as relações no local de trabalho, a falta de prazer quanto ao trabalhar e a falta da nossa potência de agir, aquilo que podemos produzir como estratégias para produzir saúde.

Partilha. O trabalho coletivo, a resolução de tarefas não no individual, mas no compartilhar. Porque precisamos dos outros. Pôr o trabalho no coletivo para se construir, ou seja, construir coletivo; construir seria mais da ordem de criar do que de resolver. Criar aquilo que ainda não está posto. Saúde no próprio trabalho de se sentir produtiva, do que faz a diferença, de aprender e enfrentar desafios. Isso não quer dizer que não haverá desafios ou problemas ou conflitos, mas contágio nos encaminhamentos, seria mais da ordem de criar novas normas para o trabalho.

No processo de trabalho, estamos sempre gestando uma postura ativa de criação, estamos articulando esta questão: quando se adocece, o que podemos fazer juntos no trabalho?

Para evitar o adoecimento e produzir saúde, o trabalhador precisa estar engajado no movimento da construção de outros modos cooperativos de trabalho, por ser fundamental sua participação, porque é o diálogo do “dentro”, das relações, dos cotidianos, das vivências.

Hoje Celina está cansada pela dupla jornada de trabalho educacional; a tripla porque está fazendo o curso; a quádrupla porque tem casa e filhos e cachorro, e papagaio e periquito, eita bicharada! Mas tudo isso faz parte da vida, e sempre tem os seus jeitinhos de driblar e criar outros meios de lidar com o próprio meio. O que está aborrecendo Celina é a tal sala de vídeo que não pode ser liberada.

Estar no curso e ouvir sobre produzir saúde lhe traz inquietações! Será que no chão da escola essa proposta é realmente possível? Criar estratégias de saúde? Adoecer, ficar em casa e depois retornar ao trabalho?

Sabe de uma coisa? “Hoje eu não vou copiar nada, vou fazer como meus alunos” – e sorri sozinha. “Vou tirar fotos dos *slides* e depois imprimo e estudo.”

- ▶ “O normal é poder viver em um meio em que flutuações e novos acontecimentos são possíveis” (CANGUILHEM, 1990a: 146)
(Infidelidades do meio)
- ▶ A doença sempre se irradia como se o organismo todo estivesse afetado, como se ele estivesse limitado em suas iniciativas. Estar doente é, então, perder a liberdade, é viver na restrição e na dependência. (DAGOGNET, 1996: 19-20)

- ▶ “Canguilhem (2000) amplia o conceito de saúde, superando a limitação de equilíbrio e afirma que a saúde é mais que ausência de enfermidade; é a potência de enfrentar as infidelidades do meio criando novas normas. Neste sentido, o estado patológico ou anormal não é consequência da ausência de qualquer norma. A doença é, por sua vez, ainda uma norma de vida, mas uma norma inferior e que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, incapaz, dessa maneira, de se transformar em outra norma.” (MORSCHER, et al, 2011. p.85)

E foi dar uma olhadinha rápida no *zap*. Ao se dar conta, o assunto era:

No ano de 1990, um grupo de pesquisadores começou um movimento de estudos nas escolas na Prefeitura de Vitória. Em Serra, desde 2005. Com as assembleias, os fóruns e seus movimentos, mesmo com a troca de toda a gestão, a proposta do grupo sempre foi trazer o diálogo, envolver todos os profissionais da educação e fortalecer os coletivos. É um desafio!

Nesse momento Celina lembra-se do relatório que levava para casa, que falava sobre essa situação de que as comissões de saúde da educação estão desde 2001 com a ideia de “fazer com”, de forma coletiva.

E interpela Irvino, que lera no relatório que a participação dos trabalhadores é primordial para que haja mobilização com os movimentos. Pergunta se ele concorda.

Irvino responde: “Acho a nossa classe muito desunida, mas o caminho talvez seja esse, os trabalhadores pelos trabalhadores.”

Todos os cursistas continuam ouvindo a explanação de que em 2011 foi feito um levantamento com os profissionais de educação da Prefeitura de Serra. Para mobilizar a gestão municipal e outras organizações, fez-se necessário um olhar para os índices de adoecimentos. Fez-se uma pesquisa qualitativa, do tipo levantamento ou *survey*, respondida por 289 professores da rede de ensino municipal. A pesquisa, intitulada “Mapeamento das condições de saúde e trabalho dos professores do município da Serra/ES” (LUCIANO et al., 2012), obteve os números que apontavam:

a) Quanto à estrutura do ambiente de trabalho, 61,6% dos professores indicam como fontes de tensão o número excessivo de alunos em sala; 50,9% o ruído nas aulas; 31,8% o calor e 38,1% o espaço físico inadequado; b) 56,7% dos professores pontuam o estado psicológico dos alunos como uma importante fonte de preocupação que está relacionada aos espaços físicos da escola e à segurança das crianças; com os comportamentos, com as expectativas de vida e o futuro do aluno; c) No que se relaciona com a organização do trabalho, a sobrecarga de tarefas é apontada como fonte de enorme cansaço. Nesse quesito, 51,6% dos professores apontaram sentir cansaço. A má remuneração (48,4%) e o ritmo intenso de trabalho (65,7%) são apontados também como fontes de tensão; d) O isolamento como efeito dos modos de gestão já havia sido enunciado nas oficinas e outras intervenções realizadas em diversas escolas de Serra-ES. Ele é apontado novamente nesse levantamento como situação que torna o trabalho ainda mais pesado e mais sofrido, conforme sinalizado por 47,4% dos professores respondentes, que disseram ser o

planejamento escolar desconectado das políticas de gestão educacional um fator que reafirma tal isolamento; e) No quadro vislumbrado pelo relatório da pesquisa, outro índice que chamava a atenção era de que 63,7% dos professores respondentes já haviam tirado licença médica.

A sensação de estar paralisado diante dos problemas era o que mais adoecia os profissionais. Uma das opções do questionário era o quanto eles se sentiam envolvidos pela participação da gestão e o adoecimento. A pesquisa possibilitou a conversa em vários setores. Houve uma participação nas redes Cerest, Sindicato e Fundacentro, e essa pesquisa foi apresentada também na gestão municipal. Com o resultado da pesquisa, as pessoas se dão conta de que se faz necessário fazer alguma coisa.

E a Coseteira vai discorrendo.

Em agosto de 2012, realizou-se um Fórum. Nessa reunião, havia vários representantes: sindicato, vereadores, Cerest, Fundacentro, professoras, e o diálogo circulava nos possíveis quanto à saúde do trabalhador. Nesse Fórum, pontuou-se que existe uma lei sobre saúde e que poderia pautar a formação das comissões de saúde do trabalhador da educação, na concepção de que o trabalhador tem que colocar em análise os modos de funcionamento e/ou processos de trabalho, para pensar os possíveis das demandas que surgiram e ora surgem no trabalho.

Durante dois anos, mensalmente ocorriam as reuniões para discussão da lei, para transformá-la em uma lei da comissão de saúde do trabalhador em educação na Serra.

Em dado momento, vieram à mente vários momentos sobre o risco eminente na escola. E quando na escola pode ocorrer um incidente em relação ao qual um diretor tenha autonomia de mandar todos para casa, e não seja necessário repor o dia letivo?

A partir das discussões sobre o projeto de lei, viu-se a necessidade de que se precisaria discutir também nas escolas, no cotidiano real do ambiente escolar, as demandas do dia a dia.

Celina se pergunta: “Será que essas comissões vão realmente funcionar na escola?”

A professora Coseteira explica que nesse movimento havia professoras que pagavam substitutos para participar das discussões da lei. E ela pontua uma das falas das professoras que participaram: “Participar da discussão da lei me traz saúde também no cerne do trabalho. É o estar fazendo algo pelo trabalho coletivo e também pela escola.”

Na realidade, sabemos que é muito difícil a professora sair da sala de aula, o que envolve os profissionais que trabalham nesse ambiente.

Em abril de 2014, em uma reunião no Centro de Formação com os diretores, foi apresentado o projeto de lei, com a possibilidade de experienciar no espaço escolar. Não só para as professoras, mas para todos os profissionais trabalhadores da educação participarem também da experiência.

Assim como nas Cipas há um horário para o funcionário olhar as questões do trabalho e dialogar sobre elas, nas Cosates também há essa negociação para que o integrante possa olhar as questões de trabalho.

Na ocasião, duas escolas toparam o projeto-piloto: o CMEI Olindina e o EMEF Manoel Carlos de Miranda. Na época, ocorreram algumas negociações na carga horária, e o projeto-piloto foi implantado.

Essa proposta tornou-se o projeto de lei 4.513, de 28 de maio de 2016, que institui as Cosates. Essa lei foi aprovada, mas não implantada. O Executivo ainda não deliberou sobre o modo de funcionamento dela. Até o presente momento, não sabemos se vai começar por uma ou mais escolas, ou por região, ou todas as escolas. Ainda não se sabe como serão implementadas as Cosates, porque o poder público não se manifestou até agora sobre que parte do processo das Cosates está em análise ou apreciação.

Não basta só a lei, ela precisa ser regulamentada. Além disso, mesmo com as tramitações legais, não há efetivamente nenhuma garantia de que seu funcionamento se dará como a proposta inicial.

A Cosate é uma aposta, não uma garantia de que o adoecimento vá diminuir nas escolas. Vale ressaltar que o potente é a produção de saúde nesses ambientes. Uma comissão, dependendo da direção que dê para os processos de trabalho, pode produzir mais adoecimentos, porque pode tornar-se uma instância de policiamento, de mais cobranças, ou mais uma comissão na escola que não colabora em nada.

O que tem a ver a saúde na escola com a política pública?

Política pública não é só secretaria. Não é política de governo, mas também é. Como a gente implementa essas leis? Como nós, trabalhadores da educação, colocamos as situações para acontecerem? Podemos ter uma comissão superpotente que seja uma força, que seja uma comissão ativa quanto aos possíveis, que faça valer a pena. Em que os profissionais sintam liberdade, confiança para buscar estratégias quanto ao trabalho, e colocar em análise seus processos.

As políticas públicas estão entrelaçadas ao fazer redes. E uma das tarefas dessa comissão é também fazer redes, para ela trabalhar, dialogar com os pares. Para isso é preciso estar aquecida. Elas vão se aquecendo não pelo convencimento, mas pelo contágio.

Vento que ventas em mim
Ventos maestrados em seus
brilhos
Ventos frios
Ventos nubliantes
Ventos tenebrosos
Ventos intensos
Ventos breves, breve
Vento forte, tempestade,
furacão, sinergia
Ventos quentes
Capazes de capturar,
fissurar qualquer vida.
(Jomar Zahn, Ventos, 2018)

A aula termina, a tarefa de afetação do curso é o que potencializa ou despotencializa o trabalho na escola.

Um olhar panorâmico quanto aos alunos – e a cabeça de alguns cursistas estão cheias de informações. As de Celina, Deise, Irvino, Verônica, Zezé, Isabela e Lena assim também estão e, mais ainda, retiraram seus chapéus. Uma coisa é certa: todos desembainharam suas peixeiras.

Mais um dia. Sabe aquele dia em que o despertador toca e você quer mais alguns minutos e sabe que não pode, porque o relógio não para? Pois é, foi desse jeito que Celina acordou hoje.

Está chovendo. Como de costume, a rua alagada, o sistema de transporte precário, lá vem o “busão” e Celina esqueceu seu cartão. Mas se lembra de algumas moedas que serão suficientes para pagar a passagem. Pensa: “Que chique, ar condicionado, quem dera que nesse tumulto eu saísse empurrando todo mundo, entrasse logo no ônibus e pudesse sentar à janela.”

Mas para surpresa de Celina, o sistema dos novos ônibus operava sem trocador. Aquele velho conhecido de todos os dias não mais se encontraria. Para complicar, depois de tanto esforço, acabara de ser informada de que para viajar no ônibus só com cartão do sistema de transporte. Que triste para Celina! Precisar descer na contramão dos que se digladiam para embarcar, porque têm horário, e se o transporte lotar o motorista vai arrancar, e quem subiu, subiu. Também sabia que pela chuva o trânsito estaria um nó, e até a chegada do próximo ônibus, a corretiva na chegada da escola seria certa.

Na hora do PI, vai conversando com os colegas que estavam na sala das professoras. Fala do curso que está fazendo e gostaria de uma ajuda sobre o que potencializa o trabalho, porque o que despotencializa ela já havia experienciado cedo.

A professora Sulamita diz: “A impressora funcionar em tempos de tantos cortes na educação. Ter uma geladeira para colocar nosso lanche, a quadra ser coberta, apesar de umas telhas quebradas.”

E lá se foi o dia de Celina aos trancos e barrancos, porque é vida de professora!

O dispositivo produz visibilidade para alguns processos, realça-os na complexa dinâmica da atividade e produz regimes de enunciação que fazem falar. Cria

possíveis e torna dizíveis questões que atravessam o cotidiano. Quando falamos de subjetividade, estamos muito mais próximos dos deslocamentos efetivados pelo dispositivo do que de qualquer forma de intimidade pessoal verdadeira ou essencial dos trabalhadores. É na atividade que o ser humano se produz, fatura, desmonta e remonta-se. Interferir nesse fazer é necessariamente produzir deslocamentos nos modos de estar no mundo, de se relacionar e de trabalhar. Estamos em contínuo movimento. Não é de domínio exclusivo dos dispositivos produzir tais mudanças, mas eles operam provocando deslocamentos no campo do que é dizível, do que é visível, do que se faz de si. O dispositivo produz deslocamentos nos processos em curso.

Novo encontro do curso: ao adentrarem a sala, havia uma música desconhecida para Celina. Como a música era atraente aos seus ouvidos, foi prestando atenção na orquestração, ao mesmo tempo que via as professoras sentadas sem conversarem e sem falarem nada com os cursistas. Ficou quieta, chegara atrasada!

Celina, professora, já estava começando a ficar inquieta, querendo perguntar e ao mesmo tempo preocupada em dar uma bola fora, olhava o relógio como se quisesse controlar o tempo.

Depois de quinze minutos, as Coseteiras começam a falar sobre a música que ficou tocando nos primeiros minutos da aula. Foi interessante, porque muitos cursistas não se deram conta do movimento da proposta metodológica do curso. Nem mesmo Celina, que estava impaciente pela hora. E a música era sobre o tempo.

Muitas falas nesse dia. Parece um muro de lamentações de tantas coisas que despotencializam o trabalho. Como a falta de horário para ir ao banheiro, porque as professoras do CMEI não podem se ausentar da sala de aula. Outra professora conta que foi encapar uma mesa que se encontrava em estado deplorável e quando voltou no dia seguinte a professora concursada havia levado a mesa para sua sala, e a professora que encapara, por ser DT, não poderia ficar com a mesa. O bebedouro em que todos bebem água é o mesmo para higienização da boca, porque as pias do banheiro são muito altas e as

crianças não conseguem escovar os dentes... E por aí vão tantas outras pontuações.

A Cosateira¹³ pontua: “Vocês trouxeram várias questões sobre o trabalho. O que vamos fazer com essa situação de não poder ir ao banheiro?”

Uma professora compartilha a solução que tentam implantar na escola: deixa a porta aberta, e a professora da sala de frente olha os alunos enquanto a colega vai ao banheiro. Daí emergem muitas outras partilhas da experiência de criar estratégias para questão.

Essas falas das professoras demonstram o modo de se colocar em relação ao ao trabalho. A ampliação das possibilidades de construção coletiva e os questionamentos produzem deslocamentos nos modos de afetar e ser afetado, indicando desvios nas relações que se estabelecem com o trabalho, com as questões que dizem respeito ao próprio trabalho em questão. Muitas trocas ocorrem de modo alternado aos questionamentos – o diálogo sobre o trabalho já gera, por si só, alguma transformação.

No decorrer da aula, Celina fala com Lena: “Não acha estranha essa metodologia do curso? Que tipo de formação é essa que nos deixa falar?”

Lena diz: “Vamos ver aonde isso vai dar!”

Celina: “Nunca vi uma formação assim. Esse ano é a segunda de que participo. Não sei, não, deixar professora falar!”

E acrescenta: “Vamos desembainhar nossas peixeiras!”

A intervenção proposta pelo curso de formação busca uma aliança com a possibilidade que os trabalhadores têm de criar e recriar suas próprias relações com sua atividade profissional, convidando-os à posição de observadores de seu próprio trabalho, deslocando-se do habitual e familiar no trabalho, alimentando diferentes modos possíveis de enfrentamento, convidando ao debate e ampliando o poder de ação (BARROS, 1997).

¹³ Cosateira é uma palavra criada para as pessoas que fazem parte do movimento da Cosate a contrapelo, no “entre”.

A formação é um processo que extrapola o sentido clássico da aquisição de conhecimentos técnico-científicos referidos a uma dada profissão e a serem aplicados em dada realidade. Formação significa, sobretudo, produção de realidade, constituição de modos de existência – portanto, não se dissocia da criação de modos de gestão do processo de trabalho (HECKERT e NEVES, 2007).

Para que o trabalho se realize, é necessário que os trabalhadores subvertam. Além de conhecer os procedimentos e regulamentos, eles devem usar inteligência prática e a engenhosidade para garantir que o sistema funcione. Essa subversão do trabalho, essa gestão das disfunções, essa mobilização da inteligência e inventividade se fundam numa produção incessante de conhecimentos no trabalho, seja para permitir a aplicação das regras diante das variações incessantes, seja para compensar sua falta ou inadequação. Todo e qualquer trabalho é permeado, em maior ou menor grau, pelas variabilidades do meio. A ação pressupõe uma multiplicidade de decisões locais. É raro que se possa aplicar, cegamente, um plano preestabelecido; é preciso adequá-lo à realidade, adaptá-lo às circunstâncias: urgência, carga de trabalho, imprevistos fazem com que cada dia seja diferente do outro. Não há instrução que possa suprimir essa parte de improvisação controlada; não há tarefa que possa dispensar uma constante atualização, que escape à variabilidade, que prescindia do engajamento pessoal daqueles que a efetuam. Os trabalhadores sempre tentam, com intensidade e sucesso variáveis, atualizar o meio de trabalho em função do que ele é, de suas crenças e de como eles desejariam que fosse.

Término da aula. Muitas mulheres juntas, um falatório danado, não dá para mensurar se são muitas ou poucas, por tamanha algazarra nos corredores. As falas sobre o curso reverberavam em Celina, Isabela, Lena, Deise, Irvino, Zezé, Sulamita, a mais nova professora da escola.

Deise pergunta: “Não vi Verônica hoje nem na escola, nem aqui no curso. O que aconteceu?”

Paty responde: “Ela está de atestado de novo! Teve uma crise nervosa, assim falaram lá na sala das professoras, não sei direito.”

A experiência dos coletivos de trabalhadores(as) sobre seu ambiente, seu trabalho e seu próprio corpo fornece elementos para compreender e transformar os problemas cotidianos que estão ligados às diferentes formas de “mal-estar” no trabalho.

O falatório no “busão” era atividade de afetação. São 22h e o ônibus não está vazio. As falas vão surgindo e com elas os desembarques também.

Conselho de Classe. Trim, trim – é a voz no celular avisando que são cinco horas. Levanta Celina, porque o tempo não para. Pega seu embornal e tudo que cabe nele, “bora”, porque o 507 não espera ninguém. Agora Otacílio não é mais o trocador, e cada dia um motorista diferente, não dá para facilitar.

A cabeça de Celina é ligada no 220, enquanto sob a terceira ponte olha o mar e tenta pausa seus pensamentos. Às vezes é preciso parar, respirar, porque a vida pede passagem para outros movimentos.

Celina pensa: “O curso ontem foi muito potente!”

Desembarcar, porque o embarque hoje é no Conselho de Classe. Muito falatório, ver e rever os “compas” de lutas. As canetas a todo o vapor, risca aqui, corretivo ali, “aff”, lembra que não pode ter rasuras, cortes e colagem para ficar tudo direitinho.

Celina senta-se ao lado de Irvino, “compa” de longas datas, e pergunta a ele: “Você sabe o que é preciso para se ter uma lei?”

Irvino olha e diz: “Celina, no que você está se enfiando agora? Vai mexer com política? Isso é a maior aporrinhção, meu cunhado foi candidato e todo dia tinha gente pedindo coisa no portão da casa dele.”

Deise, ouvindo tudo, decidiu dar o seu pitaco: “Sabe, a gente precisa de leis, de políticos, de democracia, não essa democracia hierarquizada, estilo coronel e seus súditos, tô cansada dessa baboseira, mas de uma democracia de estrutura de relações. Seja lá qual lei você quer propor, Celina, joga aí na mesa, aproveita que boa parte da galera está aqui e a gente vota se vai à frente ou não. Sou suspeita, mas tô contigo e não abro mão.”

Lena vira para Deise e diz: “Não sei o que é, mas já estou gostando, tamos juntas!”

Celina sorri e diz: “Isso mesmo, Deise, senti firmeza, mas no momento não estou querendo propor nenhuma lei, estou buscando entender e espreiar uma que já existe, voltada para nossa classe de trabalhadores. Estive olhando um acervo outro dia e entendi que uma lei não é feita de qualquer maneira, há uma composição de corpos para que ela venha a existir, e depois de sancionada não nos garante nada. Porque dependemos do poder público para implementar. Tem também a questão de ser utilizada para bel-prazer ou para nos vigiar e punir. Sabe: a jangada tem que sair para o mar, precisamos nos informar, buscar nossos direitos e também deveres. Nos movimentarmos. Às vezes caímos no conto da Gabriela: nasci assim, vou morrer assim.”

A diretora chama a atenção para as conversas paralelas, e o Conselho segue.

Irvino vira para Celina e fala: “É aquela tal Cosate ou o curso que tu tá enfiada, não é? Olha, menina, isso está mudando sua cabeça e a maneira como tem dado aula. Sabe, tem uns colegas querendo te imitar [rs].”

E continua: “Sabe, a ideia da horta vai ser maneira e envolverá as professoras que mal se falam na escola ou vai fortalecer mais a intriga. Seja lá de que lei você quer falar na hora do recreio ou PL, podemos conversar na sala das professoras e terá outros colegas, quem sabe montamos até uma Cosate... brincadeirinha!!!! Mas pode ser verdade.”

Isabela, muito inteirada dos movimentos, já sai falando que não é assim: “Leiam a Lei da Cosate, tem uma eleição, as pessoas se candidatam.”

Celina diz que é isso mesmo, e que para cada 35 funcionários são três trabalhadores; de 36 a 65 funcionários, quatro; e de 66 a 95, são cinco trabalhadores.

Irvino pergunta: “E se tiver mais de 95 trabalhadores?”

A cara de espanto e os olhos voltam-se para Celina, que coloca a mão na cintura, incorpora o sotaque de suas raízes nordestinas e responde assim:

“Vocês estão querendo ataiar¹⁴ as coisas, vamos desarnar¹⁵ juntos essa lei 4.513, daí tiramos a dúvida.” E todos acabam rindo pelo jeito de falar dela.

A diretora pergunta a Celina se querem compartilhar alguma coisa.

Era o momento de tirarem o chapéu e desembainharem as peixeiras! Como poderíamos ganhar tempo aqui? Quem poderíamos envolver aqui na escola para formar uma equipe e ter uma comissão para tratar de assuntos do nosso cotidiano escolar? Das nossas inquietações? Da nossa saúde? Do nosso adoecimento?

Silêncio. Isabela sorri e diz: “Desembucha logo, Celina, fala que estamos com uma atividade do curso para fazer”, como que desse uma deixa.

Celina levanta-se e conta que estão fazendo um curso de Formação em Saúde em Educação, e que estão aprendendo e se inquietando com muitas coisas. Pergunta se alguém sabia o que é Cosate. Pondera que no último encontro ouviu falar sobre a Cosate, que é uma aposta quanto à saúde do trabalhador, que é no coletivo em que há força, e é necessário o espaço de diálogos no ambiente de trabalho, para que as questões sejam apresentadas por meio dos próprios trabalhadores e sejam pensadas estratégias no manejo das situações. As coseteiras chamaram isso de: análise dos processos de trabalho.

Daí Deise falou: “Tem uma lei 4.513 sobre a Cosate, precisamos nos inteirar melhor, nós, trabalhadoras(res), precisamos buscar ideias, aquilo que afeta e faz brotar ideias, que potencializa para brotar ideias. Essa luta da Comissão de Saúde do Trabalhador em Educação, podíamos estudar a lei e estaríamos inteirados(as) melhor das questões. Tem o caderno de formação pela Fundacentro, que poderia nos pautar, porque o início foi com o Fórum Cosate, e a partir de vários encontros onde se debatia a saúde da educação, pensou-se uma lei baseada na Cosate, que tem seu fio ligado à Renast, que possui outro fio condutor que é o SUS. Isso é apenas a ponta do cipó.”

Celina aproveita para falar que do Fórum Cosate surgiram inúmeros encaminhamentos como a lei, mas também o projeto-piloto em duas escolas de

¹⁴ Ir por um caminho mais curto.

¹⁵ Aprender algo, ativar, avivar, deslanchar, despertar.

Serra, um CMEI e um EMEF, que estão aprendendo no curso. E que gostariam de experienciar a Cosate na escola.

Algumas professoras acham interessante a proposta de Celina, outros acham que será perda de tempo e mais uma coisa para ocupar o pouco tempo que resta na escola. Daí ficaram de pensar o que vão fazer.

A professora Joelma disse que está muito incomodada com o depósito de lixo que fizeram ao lado da escola, que há um ano era apenas um terreno baldio, mas com o passar do tempo as pessoas começaram a jogar lixo.

Uma das iniciativas que tiveram foi protocolar na Prefeitura a solicitação da limpeza do terreno. Fizeram várias solicitações, mas infelizmente as respostas eram de que não havia verba para limpeza; noutro momento, que a limpeza do terreno era de responsabilidade do proprietário; ou a máquina estava em manutenção. E nenhuma limpeza ocorrera.

A diretora Janice até participou de uma reunião da associação de moradores no intuito de buscar soluções para a limpeza do terreno, uma vez que o chorume estava ficando insuportável, e a presença de animais colocava em risco a saúde dos alunos e profissionais que ali trabalhavam.

Conversa vai, conversa vem com os representantes da associação. O presidente da associação de moradores informou que já fizera inúmeros protocolos na Prefeitura solicitando a limpeza e a notificação do proprietário para murar o terreno. E nunca obteve nenhum tipo de resposta. Decidem firmar parceria com a escola no sentido de pressionar a Prefeitura a fim de conseguir a limpeza e também saber quem era o proprietário do terreno.

A professora relata que seis meses se passaram e o mato crescia, o lixo aumentava, os animais peçonhentos apareciam, era um total descaso. Um dia, Janice decidiu, numa reunião com os pais, compartilhar suas preocupações quanto ao terreno baldio que era vizinho da escola. Falou sobre saúde e os riscos que o local produzia, o qual fazia divisa com a escola. Alguns pais responderam que estavam incomodados e preocupados com o estado em que se encontrava o terreno. Outros propuseram um mutirão, recrutando naquele momento quem teria uma enxada, uma pá, um carrinho, uma foice, uma

capinadeira e por aí. Foram as mãos levantadas e os possíveis para limpeza do terreno foram se construindo. Montaram um cronograma de acordo com a disponibilidade de cada mãe, pai e responsável que estava na reunião. Lembraram-se do seu Joel, que tem uma máquina grande e poderia ajudar com a retirada dos materiais mais pesados. Tudo foi se ajeitando.

Em três semanas o terreno estava limpo. Isso trouxe satisfação e alegria para a comunidade e os participantes. Em uma semana o lixo começou a brotar novamente. A diretora, em uma reunião pedagógica, fala sobre o mato e o lixo novamente no terreno, demonstrando preocupação com os dias seguintes, que seriam de chuvas, contribuindo para o crescimento do mato e o aparecimento de animais como ratos e baratas na escola novamente.

Celina aproveita a fala de Janice e lança a pergunta: quais estratégias precisariam ser viabilizadas para que o terreno não se torne novamente um depósito de lixo?

A diretora responde: “Acho ótima sua colocação, porque estou bastante preocupada com a reincidência do lixo.”

Trabalhar com políticas públicas é construir coletivamente estratégias de transformar para conhecer e incluir diferentes protagonistas; o comum advém da experiência política – movimento de constituição do coletivo.

Lena sugere que procurem a mídia, porque se colocarem a boca no trombone rapidinho se resolve tudo.

Paty acha complicado o serviço da mídia, porque depende muito para que lado vai pender a reportagem. Naquela manhã, havia assistido a uma reportagem falando sobre os cortes na educação e a seguir os resultados do IDEB. Achou complicada a maneira como as duas reportagens se deram. Se há cortes, por que os índices melhoraram? Sendo que o IDEB corresponde ao ano anterior, e cortes da educação são relativos ao momento atual.

Começa um falatório daqui, dali, cada um querendo defender um ponto.

É preciso compreender por dentro o lugar onde se trabalha.

O professor de História e Ciências, Marcos, se empolga e começa a discursar: “Em meados de 70 e toda a década de 80 surge o Movimento de Reforma Sanitária, propondo uma nova concepção de saúde brasileira. Na metade dos anos 70 e nos anos 90, reivindicavam que as questões de saúde relacionadas ao trabalho fizessem parte do direito universal à saúde, incluídas no escopo da Saúde Pública. Entre os fatores que contribuíram para a institucionalização da Saúde do Trabalhador no âmbito do Sistema Único de Saúde, temos o movimento de Oposição Sindical dos anos 70 e 80; o Movimento da Reforma Sanitária Brasileira; o movimento pelas eleições diretas e pela Assembleia Nacional Constituinte; a promulgação da 'Constituição Cidadã' em 1988, com a conquista do direito universal à saúde e o advento do Sistema Único de Saúde. Na Constituição da República Federativa do Brasil: 1. Em seu art. 196, como 'um direito de todos e um dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas...'. Entende-se por Saúde do Trabalhador, para fins desta lei, um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho, abrangendo: I - assistência ao trabalhador vítima de acidentes de trabalho ou portador de doença profissional e do trabalho; II - participação, no âmbito de competência do Sistema Único de Saúde (SUS). E esse quintal ao lado é um atentado a nossa saúde.”

Foi o caos. Uns aplaudiram, outros querendo voltar ao assunto que era o Conselho de Classe.

Marcelo Arthur fica nervoso e irritado e fala: “Diretora, qual é? Olha o horário, trabalho em dois turnos, está perdendo a ponta o controle da situação, com esses rebeldes! Coloca ordem nesse negócio! Tão tudo de cabeça virada!”

Marcos se inflama, sobe à mesa e fica falando alto:

“O direito à saúde e à vida passa pela transformação do processo de produção, que de fonte de agravos e de morte deve ser um fator de proteção e de promoção da vida. Nesse contexto, o Sistema Único de Saúde tem um papel fundamental, sendo racional e adequado que a rede de serviços públicos de

saúde se qualifique e se estruture para atender às demandas de Saúde do Trabalhador de forma integral.

As políticas públicas no campo da saúde e segurança no trabalho constituem ações implementadas pelo Estado visando garantir que o trabalho, base da organização social e direito humano fundamental, seja realizado em condições que contribuam para a melhoria da qualidade de vida, da realização pessoal e social dos trabalhadores, sem prejuízo para sua saúde, integridade física e mental.

Segundo a Renast, essas políticas têm dimensões sociais e técnicas indissociáveis. A dimensão técnica pressupõe a utilização dos conhecimentos e tecnologias mais adequados, a fim de dar respostas eficazes aos problemas e assegurar a credibilidade dos trabalhadores. Na sua dimensão social, as demandas por saúde são reivindicadas diretamente pelo trabalhador no serviço de saúde, onde somam-se as ações preventivas e/ou curativas. Nesse sentido, o serviço de saúde configura-se como um microespaço de luta política e de produção de informação e conhecimento, relacionando interesses com projetos distintos, que necessitam ser considerados no modelo de atenção adotado.

Uma política de Saúde do Trabalhador apresenta interfaces com as políticas econômicas, de indústria e comércio, agricultura, ciência e tecnologia, educação e justiça, além de estar diretamente relacionada às políticas do trabalho, previdência social e meio ambiente. Ela também deve estar articulada com as organizações de trabalhadores e as estruturas organizadas da sociedade civil, de modo a garantir a participação e dar subsídios para a promoção de condições de trabalho dignas, seguras e saudáveis para todos os trabalhadores. Tal política, luta dos trabalhadores, deve ser entendida como o instrumento orientador da atuação do setor saúde no campo da saúde dos trabalhadores, com o objetivo de: promover e proteger a saúde dos trabalhadores por meio de ações de promoção, vigilância e assistência; explicitar as atribuições do setor saúde no que se refere às questões de Saúde do Trabalhador de modo a dar visibilidade à questão e viabilizar a pactuação intra e intersetorial; fomentar a participação e o controle social. Vocês podem conferir isso: tudo que estou falando está na Renast.”

Plim – um estalo na cabeça de Celina, que agora começa a juntar as leituras do curso com o relatório, com as aulas: “A Cosate foi gestada numa perspectiva de abordar as questões de Saúde do Trabalhador, e nessa perspectiva significa ampliar o olhar para além do processo laboral, considerando os reflexos do trabalho e das condições de vida dos indivíduos e das famílias, envolvendo uma abordagem integral do sujeito, a 'resolutividade', a responsabilização, o acolhimento e a integralidade. Espaços privilegiados para o cuidado integral à saúde, assim como as demais ações da Atenção Básica, são oportunidades para identificação, tratamento, acompanhamento e monitoramento das necessidades de saúde relacionadas ou não ao trabalho. Para a educação, os funcionários devem ser fortalecidos.”

Celina escreve sobre a Cosate e passa para Irvino, que devolve assim: “As ações da Cosate serão desenvolvidas de maneira descentralizada e não hierarquizadas. Pelo que estou lendo, ela foi desenvolvida para que os trabalhadores da educação congreguem outros setores que interagem com a saúde do trabalhador educacional, assim como o Renast congrega trabalhadores de outros setores.”

A diretora Janice agradece a todas as contribuições e pede ao professor Marcos para que desça da mesa. E que voltem ao assunto em pauta, o Conselho de Classe. Com muita dificuldade em estipular o silêncio por conta do caos, retomam as atividades.

Janice se aproxima de Celina e diz: “Não vá embora sem antes falar comigo.”

Celina sente no corpo que há mais peixeiras do que poderia imaginar e muitos chapéus que podem alçar voos. Trabalhar com a mão esquerda e na outra ter a habilidade em manusear sua peixeira.

Ela se lembra de um conto que ouvira quando criança, numa casa cuja rua não tinha um poste sequer e as histórias eram contadas à noite, sob a luz da lamparina. Um homem tinha uma casa muito bonita, e ele não se preocupava com a manutenção, segurança e os cuidados que uma casa precisa ter. Distraía-se constantemente com o jardim, belas flores, muitos pássaros, e o tempo foi passando.

Um dia, ao entardecer, observa uma enorme ratazana saindo de sua casa, corre com um pedaço de pau atrás dela. Nesse momento tropeça e bate na parede de madeira que, corroída pelos cupins, vai ao chão.

O pobre homem exclama: “Ó xente, como isso foi acontecer com a minha casa linda, uma ratazana derrubar minha linda parede de pura madeira!”

Será que foi a ratazana?

Será que foi o cupim?

Será que foi a negligência com a manutenção da casa?

E a história prossegue... o homem era um dos mais conhecidos da cidade, e agora toda a sua casa encontrava-se vulnerável.

Como esse homem vai reconstruir sua casa e ao mesmo tempo se defender dos invasores?

O que lhe resta é reconstruir a casa com uma de suas mãos e a outra se defender.

A escassez e a inadequação das informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificultam a definição de prioridades para planejamento e intervenções em saúde, além de omitir à sociedade instrumentos importantes para a melhoria das condições de trabalho (RENAST, 2006)

É preciso compreender por dentro o lugar onde se trabalha; o trabalhador é o único capaz de sentir os efeitos que a rotina, o ritmo, o tempo de trabalho, por exemplo, produzem. Estar atento às próprias queixas, estabelecendo outra dinâmica de relações com o ambiente de trabalho, deve ser um exercício permanente, a fim de que se possa identificar o que vai bem e o que vai mal, para si e para os(as) colegas e alunos, no caso da escola. Daí estaremos mais preparados para participar de uma Comunidade Cosate.

Comunidade Cosate. Para conhecer as resistências e defesas que individual e coletivamente criamos para nos mantermos trabalhando, é uma forma de melhor compreender a relação saúde-trabalho. É estar envolvido nos processos participativos, em que o trabalhador se vê como ser integrante,

participativo, coadjuvante nos processos de saúde de seu trabalho. Tornando-se uma rede na construção e reconstrução de diálogo críticos, partilhas de saberes e experiências. Dialogando, aprendendo, ouvindo, entendendo, discordando e exercitando o debate, resgatando e desenvolvendo novos modos de trabalhar.

Dia de PL. O professor de Biologia conhecido como Zé Moleza sugere uma parceria com os colegas, como de História e Português, para montarem um projeto sobre a horta solidária. E a partir daí convocarem a comunidade para a limpeza do espaço e a implantação da horta, que poderia atender a escola e a comunidade. Um local onde os alunos plantariam mudas de verduras e hortaliças, cultivariam e colheriam para uso da escola. Um local sem cercas, ou muros, para que a comunidade tivesse livre acesso e também se sentisse responsável pela preservação do ambiente.

A professora de Inglês prontificou-se em arrumar as mudas que são fornecidas pela penitenciária de Viana; o de Educação Física propôs estar junto com ela no dia em que fosse buscá-las.

Após alguns dias em que Celina havia pedido para conversar sobre a Cosate, emergem questões que fazem parte do cotidiano da escola, que é por meio do diálogo, da partilha, do comum que os caminhos se fazem possíveis.

Marcaram novamente a reunião com os pais, a proposta sobre a limpeza do terreno não era a mesma, algo fissurou o modo de solucionar o problema. É na criação de uma nova funcionalidade a partir das estratégias tomadas que os movimentos não serão mais os mesmos. A conversa fortalece a autonomia. Quando escutamos o outro, ampliamos o nosso pensamento, e a saúde brota para sancionar os caminhos.

O comum não se reduz à comunidade ou ao público. Ele fundamenta-se na comunicação entre singularidades que se expressam livremente, através de seus diálogos criam narrativas comuns. Ao mesmo tempo pressuposição e resultado: não pode haver cooperação sem vigência de partilha, e o resultado da produção cooperativa é a criação de uma nova partilha, uma prática em comum, ou seja, uma nova expressão comum, como já dissemos anteriormente.

A Cosate pode ser fundamentada como experiência imanente que é, fornecendo modos pelos quais novas expressões de singularidades surgem em colaboração e partilha, com o efeito de formas, práticas, desejos cada vez mais alargados.

Sendo produtos do trabalho da escola produção de subjetividade (GUATTARI & ROLNIK, 2000), produção de conhecimentos, relações sociais, redes de comunicação e formas de vida, torna-se claro que a produção implica uma forma de produção política – novos modos de trabalho que apresentam novas possibilidades de gestão do e no trabalho, pois os mecanismos de cooperação necessários para essa construção estão contidos no próprio trabalho. Potencial que implica a auto-organização política. A inovação seria uma nova possibilidade de fazer uma política pública.

Eis as tessituras de uma política pública que pode fissurar as práticas que estão instituídas?¹⁶

Celina sente “no” e “com” o corpo que as conquistas, as lutas, não se fazem isoladamente, mas ocorrem nas interações, conversações, acordos, e com pais, fornecedores de merenda, conselhos, pesquisadores, trabalhadores e muitos outros. Ela vai tomando nota em seu diário. Conhecer é, portanto, fazer, criar realidade de si e de mundos, o que é uma prática política. Onde não há política¹⁷ há violência. Ela está ansiosa para compartilhar no curso os movimentos da escola.

Trânsito engarrafado, e hoje não está chovendo! Celina ouvira a rádio antes de sair de casa, e o trânsito fluía normalmente. O que acontecera, então?

Celina pensa: “Só porque estou ansiosa em partilhar a experiência no curso, o trânsito está parado.”

Em tempo de tecnologia, as informações são repassadas em tempo real. Mas algumas não passam de *fakes*.

¹⁶ Conceito retirado do livro *Análise institucional*, de René Lourau. O instituído é o que se impõe como uma verdade não produzida. Corresponde à ideia de universalidade e é, como tal, aparentemente abstraída de concretude material (não tendo, em Hegel, necessidade dos homens para existir).

¹⁷ A palavra política foi utilizada no sentido de relacionamentos.

Dentro do “busão”, uns burburinhos de que a terceira ponte está fechada por conta de um atendimento de emergência.

O pensamento de Celina vai longe. O que leva uma pessoa a tentar contra a própria vida? Será que essa pessoa é do meu rol de amigas?

O tempo vai passando, vinte minutos, trinta, quarenta, uma hora...

Celina observa os diversos comportamentos dentro do ônibus. A fala de uma passageira de que a pessoa deveria ter se jogado logo porque estava atrapalhando a vida de quem quer viver.

Outro passageiro diz: “Deixa eu ir lá e empurrá-la da ponte, assim o trânsito volta ao normal e resolve o problema dela também.”

Muito falatórios e alguém comenta: “Essa pessoa só quer chamar a atenção!”

Um passageiro ao lado de Celina diz: “Não sabemos em que condições está essa pessoa, talvez desespero, adoecida emocionalmente, ou até mesmo surtada.”

De que modos temos tecido experiência comunitária?

Esse acontecimento funcionou com um analisador na perspectiva da análise institucional, uma vez que catalisar afetos, discursos e produzir reflexões movimentam um campo de forças.

Como a desaceleração imposta pelo adoecimento que exige acolhida impacta modos acelerados e tarefistas na contemporaneidade? O desacelerar impacta a vida e a nossa funcionalidade capitalista.

Nesse momento, Celina lembrou-se de umas falas do último encontro do curso: “Cultivo amoroso” – grande sabedoria é necessária no trato das doenças produzidas pela mente. Um coração dolorido enfermo, um espírito desalentado, requer um tratamento brando, ocupar amorosamente os espaços que nos disponibiliza, radicar nossa ética pessoal em nossas práticas de afirmação de si, da diferença da vida (WHITE, 2005). E decide compartilhar a conversa.

Com os rumores desses sentimentos ambíguos, precisamos inventar ou reinventar as nossas estratégias de compartilhar vida, experienciar. Fissurar

espaços que nos levem a compreender o que pode um diálogo. Chacoalhar o que se apresenta como condição engessada. Inclinar o ouvido às vozes muitas vezes emudecidas, dos restos, dos murmúrios do existir, que vivem escamoteados ou submersos.

Escutar já foi pensado nas antigas práticas gregas do cuidado de si (*epiméleia heautoú*), como no primeiro estágio na ascese (*áskesis*), que é o que permite ao sujeito adquirir e dizer o discurso verdadeiro. A verdade, escuta e recolhida, como se deve, entranha-se no sujeito, tornando-se regra de conduta. Assim como é necessário uma arte (*tékhne*) para fala, é necessário uma experiência e uma habilidade (*empéria e tribé*) para escutar. Para escutar como se deve, para que a alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento, que se opõem à tagarelice (ARANTES, 2012).

O relógio avança. Celina percebe que terá a primeira falta no curso, manda um *zap* para as colegas avisando que talvez não dê tempo de chegar para a aula.

As colegas respondem que alguns estão atrasados, mas que a aula já havia começado.

O motor do ônibus é ligado, parece que o trânsito vai andar, lentamente o ônibus começa a sair do seu lugar.

Celina chega ao curso bem atrasada, o relato das atividades fora feito no início da aula, e as colegas que conseguiram chegar cedo contaram como foi a reunião no Conselho de Classe e seus desdobramentos no PL.

No colapso coexistem benefícios em favor da crítica, em que se pese avaliarmos todo o desconforto e desassossego que ele nos introduz. Acreditamos que é no colapso de nossas certezas e no abalo de nossa segurança que poderemos adentrar o terreno daquilo que não sabemos. E as tais forças disruptoras poderão ou não, então, nos convocar a uma nova tomada de posição. Posições não movidas por eles, otimistas, ilusórias, românticas, mas pela intensificação do próprio olhar para o presente e o que apresenta como diferença em contraponto a posições binárias. Um presente espesso, povoado de tempos outros (ASSIS et al., 2018).

No curso estão falando sobre pensar a educação, a relação entre teoria e prática, que estão bifurcadas, não há separação, e os cursistas são convocados a pensar a educação a partir da experiência/sentido.

Celina se sente tocada ao ouvir da Coseteira: “Fazemos coisas com as palavras, as palavras fazem coisas conosco. Pensar não é somente 'raciocinar' ou 'calcular' ou 'argumentar', como muitas vezes nos foi ensinado, mas sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. Portanto, tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros, diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos com relação a tudo isso.”

E não para por aí: “O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dar em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras e transformar palavras não são atividades ocas, ou vazias; não são meros palavrórios. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (BONDÍA, 2002).

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Será que vocês estão atentando para as questões cotidianas das escolas? Porque o cotidiano não é nada fácil.

Celina chega à escola, vai até a sala de aula, no corredor encontra outras professoras e lembra a elas da reunião que terá como pauta a proposta da horta. Sugere que escrevam alguma coisa para a reunião.

Procura Deise, Isabela, Lena e os demais colegas para conversarem sobre a proposta da horta. Afinal de contas, os pais estarão na escola hoje.

Celina sabe que precisa criar outras estratégias para romper as barreiras.

Percebe que havia professoras que concordavam e outros que não concordavam, isso dava indicadores. Precisavam ser criados espaços para uma conversa mais aberta sobre a proposta da horta, que é uma atividade de afetação do curso que uma Cosateira propôs.

Celina pensa: “Será que sou Cosateira?” Voce é um(a) Cosateira?

Como romper as rotinas e as imagens prontas desse ambiente?

Celina, Deise, Isabela, Lena, Irvino entendem que a estratégia da horta pode funcionar.

Fissurar e produzir desvios nos convocam a novas estratégias, que ainda não foram pensadas, um deslocamento importante para a efetividade da comissão que às vezes é difícil.

Só luta contra os limites, a escassez e a crueldade da natureza para os excedentes e a adensação da produtividade humana: é esta a base material de um verdadeiro projeto comum. Aqueles que trabalham sob o domínio do capitalismo e que recusam o domínio do capitalismo (HARDT & NEGRI, 2014).

A reunião começa. Falam sobre a feira da cultura que será na próxima semana, fechamento do trimestre. Por fim, a diretora pergunta: “O que vocês estão achando desse terreno aqui do lado?”

Um pai se levanta e diz: “É um absurdo o estado do terreno. Depois de tantos movimentos, ele continua imundo!” Outro diz: “Chama a imprensa, daí resolvem rapidinho.” Uma avó rebate: “Já limparam, e os próprios moradores enchem de lixo novamente.” Uma mãe se levanta e diz: “Os moradores, não! Uns porquinhos que não jogam o lixo no lugar certo!” Daí um senhor fala: “Mas também o lixeiro só passa uma vez por semana, daí vou ficar juntando lixo na minha casa...”

O presidente da associação diz: “Fazemos tantas coisas por essa comunidade, já limpamos o terreno, não sei mais o que fazer!”

Em meio aos debates, foi dada a oportunidade de ser explanada a proposta da horta comunitária pelas portadoras de peixeiras e cursistas da Formação em Saúde na Educação.

Explanou-se a proposta de transformar o terreno baldio em uma horta comunitária sem muros. Estavam abertas as sugestões sobre o que iriam plantar. Deram visibilidade à importância da participação dos alunos na aprendizagem da horta, visando a uma economia autossustentável, porque teriam a oportunidade de montar sua própria horta em suas residências, a partir do aprendizado obtido no curso que seria ministrado para a comunidade. E também da própria experiência com a terra que manuseariam para confecção da horta comunitária, sinalizando que todos seriam responsáveis pelo cultivo, manutenção e poda.

Nesse momento, o Centro Comunitário sinalizou que se coloca à disposição a fim de acionar o poder público para levar a proposta até a Câmara Municipal, e daí o terreno seja desapropriado e cedido à comunidade.

Muitas falas emergem: “A importância do preparo do solo para a plantação dos alimentos se fará com parcerias de pessoas da comunidade, alunos e professoras.” Um comerciante diz que disponibilizará o automóvel para buscar as mudas. Outra pessoa destaca que para o mutirão trará água e lanche para as pessoas que trabalharem. E por aí vão...

A escola é meio de passagem e efeito que se constitui nessas relações. É, ao mesmo tempo, a estrutura física, o corpo de profissionais e o movimento que se dá nos encontros dos atores, o modo como os saberes se relacionam e produzem questões que engendram esse meio. Na composição da rede de serviços, podemos considerar a importância do coletivo na confecção da corrente intelectual e de camaradagem dos profissionais em diferentes serviços. A produção dessa rede se dá por conexão, conversação, e esse processo é também, por sua vez, produtor de saúde nas redes que tecemos no trabalho na escola (OLIVEIRA, BRITO & ZAHN, 2018).

Quando pensamos na escola em rede, não falamos apenas de todas as conexões, ou mesmo de uma “camaradagem” que reúna os atores, mas de um emaranhado de forças e formas que se entrecruzam produzindo uma escola.

Pensando por essa via, escola é ao mesmo tempo um efeito dessas redes e os movimentos que a perpassam (OLIVEIRA, BRITO & ZAHN, 2018).

A vovó Ellen, muito conhecida no bairro pela sabedoria que os anos lhe deram, afinal de contas, 94 anos bem cultivados, acentua: “Devemos aprender a cada dia o que é melhor para nossa alimentação. Que espécie de alimentos nutrem melhor o corpo? Se você restringir o apetite e controlar as paixões pode conservar suas faculdades mentais mais fortes, ativas e vigorosas, ligeiras, para perceber tudo que exija pensamento ou ação perspicazes.”

É nítida a expressão de felicidade que a vovó tem e de outros e outras moradores(as) do bairro, ao sentirem que poderão participar desse projeto e que muitos serão beneficiados com uma alimentação mais saudável. Sem contar que a comunidade ficará livre dos animais peçonhentos e do cheiro desagradável da decomposição do lixo a céu aberto.

O desafio que se apresenta é produzir redes que ampliem exercícios de autonomia e democratização na escola. Para isso, é necessário que a própria escola seja tomada como uma multiplicidade, assumindo os riscos que isso pode acarretar. Ou seja, como multiplicidade, ela produz bifurcações que levam a outros nós, que levam a outros e voltam sobre eles mesmos (OLIVEIRA, BRITO & ZAHN, 2018).

Quanto ao âmbito escolar, algumas professoras já se mobilizam para levar a prática do conteúdo para essa aula experimental junto à horta. O movimento multidisciplinar começa a ganhar corpo.

Quando produzimos movimentos no sentido de coletivização das questões, sustentando a multiplicidade de vozes que perpassam a escola, ampliando os graus de comunicação entre os diversos atores pautados por uma lógica não hierárquica, mas multidimensional, estamos trabalhando no sentido de produzir redes (OLIVEIRA, BRITO & ZAHN, 2018).

Algumas professoras apoiam a ideia de mexer com a terra, uma até diz que está se tratando e lhe foi indicado mexer com a terra no auxílio do tratamento terapêutico.

Já outra professora conta que faz a unha toda semana e não vai sujar as mãos mesmo com luvas para plantar nada. Quem estiver a fim que se vire por lá.

Um professor cochicha: “Já se tem tanta coisa para fazer na escola, vão inventar isso para ficar à toa e não dar conteúdo nenhum para os alunos.”

É no exercício de analisar coletivamente os processos de trabalho que as conversas sobre saúde e trabalho, e não apenas trabalho e doença, vão ganhando outros tons. Mais do que labutar para viver, ou seja, “suportar” o trabalho, os espaços de conversa sobre os processos e modos de organização das atividades na escola têm como efeitos os modos como se relacionam na própria escola.

Emergem então enunciados tratando do trabalho como algo que pode produzir saúde, entendendo como um poder de ação sobre si mesmo e sobre o mundo, adquirido junto dos outros de forma que produzam mundos e outras novas formas de sujeitos. Produção de saúde no trabalho como exercício coletivo de colocar em análise os processos ligados à sua atividade e, a partir desse diálogo, intervir, criar novo contexto para viver mediante a construção coletiva de enfrentamentos que surgem.

Hoje o dia foi de muitas tensões; a cabeça de Celina está doendo. E a conversa no ônibus hoje foi de horta, alimentação e os remédios que compartilham.

Celina não se levantou da cama, vai perder o ônibus. São 5h40, lembra que terá Conselho de Classe, levanta desanimada, quase se arrastando. Uma dor nas costas, os pés inchados, nenhum sapato lhe cabe no pé. Arruma um qualquer dos bem velhos, baixinhos, prende o cabelo de qualquer jeito. E sai, afinal de contas o ônibus não espera.

Chega à escola. O professor de Matemática, Irvino, e mais três professoras a recebem com um sorriso e dizem: “Cadê os biscoitos? Cosate é muito gostoso!”

Celina olha e responde que não deu tempo, foi à votação do projeto de lei e chegou tarde. Não foi possível fazer os biscoitos. E conta a novidade: que vai virar lei a Cosate.

Comunidade é um deixar-se afetar sem duração determinada, é um expor-se nos encontros: uma composição das diferenças, modo de associação e sua produção de comum.

Irvino: “Olhei no *síte* do sindicato e vi algumas fotos de reunião do Fórum Cosate, só para você saber, Celina, que estou acompanhando os movimentos.”

Celina pergunta se ele quer ir à votação na Câmara sobre a lei e vai explicando o pouco que sabe sobre a Cosate.

Irvino agradece e diz que noutra momento, porque pegou uma substituição e terá que dar aula à noite.

Celina combina de mantê-lo informado sobre as movimentações.

Na reunião do Conselho de Classe, leem uma mensagem bonita de amizade e companheirismo, mas aos ouvidos de Celina não soa muito bem. Fazem todo um discurso de que vivemos em família, precisamos de união, passamos mais tempo na escola do que em casa para alguns, precisamos evitar as fofocas, os disse me disse, vivermos mais unidos, blá-blá-blá.

O discurso tomou muito tempo. Os trabalhos se atrasaram, conseqüentemente a saída de Celina também.

Ela lembra que é o dia da votação e recorda que já foi duas vezes em Serra e nada de a lei ser aprovada. Está tão cansada hoje, olha para o cartaz em frangalhos que sempre leva com os(as) colegas sobre a Cosate. “Sabe de uma coisa? Vou para casa.” E pede que às colegas a mantenham informada sobre a votação na Câmara.

O que pode nossa força de criação e *conversa-ação*?

Recita o “Poema” de Viviane Mosé:

*Conviva com a palavra durante alguns dias
Deixe que se misture em seus gestos, que passeie
pela expressão dos seus sentidos
À noite, permita que se deite, não a seu lado, mas sobre seu corpo.*

Curso. Ao chegar, vê a arrumação da sala em círculo, procura um lugar para se sentar. E recebe a notícia de que a lei havia sido aprovada na Câmara, agora

precisa ser sancionada pelo prefeito. Percebe a comemoração do grupo e ao mesmo tempo as falas que emergem de quais encaminhamentos serão necessárias para dar continuidade ao processo, porque do percurso essa é só uma etapa vencida, há um caminho bem tênue a ser percorrido até a chegada à escola.

Celina atenta ao diálogo que surge: falar de trabalho é mais que um “falar de”, mas sim “falar do”. Falar do que se faz, no que se faz, e do que se faz do que se fala. É falar do que nos escapa em meio às nossas ações, das invenções, é falar das frestas que abrimos. É falar de (im)possibilidades, de adoecimentos, de alegrias, de como habitamos e constituímos os espaços de trabalho e de como ele nos habita e nos constitui.

Uma experiência Cosate que se desdobra a partir da sensibilidade borrando fronteira entre o subjetivo e objetivo em uma abertura ao encontro dos signos da processualidade que indicam pistas do novo, que exige a proximidade, a circulação de afetos e comunicação dispendo a se compor com elementos que se apresentam. Um trabalho que recusa o domínio de captura de uma lei fixa em favor da produção em comum e também um compartilhamento de um potencial de resistir.

E a voz de Chico ressoa em Celina: “Atordoado eu permaneço atento / Na arquibancada pra a qualquer momento/ Ver emergir o monstro da lagoa.”

Os cursistas, nesse momento do curso, têm a oportunidade de compartilhar as experiências da atividade.

Hora de ir para casa. Senta-se no ônibus, olha o diário e escreve o que ouvira na reunião sobre a importância do trabalho coletivo, os processos de trabalho, em que somos protagonistas e não meros executores de tarefas definidas *a priori*. Reflete acerca da construção das Cosates como espaços de diálogo sobre o trabalho, possibilitando trocas, formação de redes e de saúde.

Lena lê o que Celina escrevera e diz: “Quando se fala em saúde, não é falar do oposto de doença” (BARROS, 2006). Até se lembra do que lera no material fornecido pelo curso falando sobre saúde, como um conceito que afirma a potência da criação, da invenção do aumento do poder de agir do trabalhador.

Celina vai navegando em sua escrita, externalizando suas inquietações, trazendo questões. E lança para as colegas: “Como o compartilhamento do trabalho se dará a partir das Cosates? Quais efeitos as atividades realizadas pela Cosate podem produzir? Que aspectos estão relacionados à saúde do trabalhador? Como criar espaços de diálogo com os trabalhadores? Como a constituição das Cosates reverbera no corpo daqueles trabalhadores?”

Ao ver as professoras se articulando para produzir dispositivos acerca da Educação e Saúde, percebe-se a conexão entre sentimento de indignação e o desejo de mudança.

Paty conta que escreveu em seu caderno algo que lera de Canguilhem (2000): “Nem todo trabalho produz adoecimento, podendo sê-lo quando não entendido como espaço de criação.”

E vão conversando no ônibus, até o início do desembarque.

Celina está sem sono. Decide ligar o computador, vai pesquisar na internet e lê um artigo sobre “Experimentações do fórum Cosate: uma construção coletiva no âmbito das políticas educacionais no município de Serra/ES”. Fica sabendo que é uma das cidades no país onde existe o maior número de trabalhadores afastados por motivo de doença. É preciso estar atento aos acontecimentos decorrentes do modo como os processos de trabalho se organizam nas escolas. O texto indica a importância de um movimento coletivo na produção da educação no município, escapando às culpabilizações e individualizações – ora da professora, ora da secretária, ora do aluno e assim por diante. Seria preciso, então, focar as questões institucionais da educação.

A partir das práticas de educação surge o desafio de construir outra coisa, outra educação, outras normas, outras práticas. Evitando os clássicos mecanismos de submissão, focando em devolver-lhe a capacidade de governar a si mesma, produzindo saúde. As professoras seriam dotadas de um capital social/relacional a partir do conhecimento das normas de reciprocidade, informação e confiança que provêm do conhecimento das normas de reciprocidade, informação e confiança, que provêm por sua vez da sociabilidade cotidiana em um território.

Este seria o saber que sustenta a importância de seu trabalho ao permitir que de uma posição diferenciada devolva os recursos afetivos existentes naquele espaço, afirmando-os como práticas instituintes nas condições de trabalho, ao mesmo tempo que os transforma em fazeres que potencializam ao vivo os modos de gerir suas condições de trabalho, cuidar da vida. Potência da comunidade e das composições coletivas que fluidamente se formam e se desmancham no corpo social, potência que como potênciade liberdade e invenção de formas de vida.

O comum porta a partilha. A partilha reparte a realidade e cria domínios de participação. Como, juntos, podemos habitar um território, coexistirmos em um tempo e compartilhamos a Cosate e o modo de fazê-la? O comum não aposta nos pontos de vista próprios ou particulares, ele é pelo grau de abertura comunicacional entre os grupos; o comum conjura perigos de captura. Por isso são importantes os procedimentos de transversalização.

Celina volta à cena do curso de formação que está fazendo e também ao movimento da horta.

É uma força analisadora, tem potencial para desestabilizar o que está naturalizado como certo ou errado, como o que é dado ou o assim mesmo?

Celina decide dar uma volta no bairro, muitos movimentos. Acaba encontrando uns poetas de rua que estavam terminando suas falas: “A busca do bem comum é também lutar por políticas públicas onde direitos e deveres são os pilares para a construção de um novo jeito de se viver em sociedade” (MISSURA,2002)

Celina chega para trabalhar e é chamada na sala da coordenação. Foi remanejada para outra escola, zona urbana, mais longe de sua casa. As alegações de que são uns ajustes e ela será emprestada para essa escola durante o ano letivo. Celina pergunta: qual o critério para essa mudança?

A diretora diz: “Você é uma professora experiente, estão fazendo uns ajustes na Secretaria de Educação.”

Celina fita o olhar e indaga: “Como se discutiu essa questão?”

A diretora responde: “É ordem da SEDU. Caso não vá para outra escola, teremos que colocar à disposição da Secretaria de Educação.”

Celina pega o encaminhamento, assina e diz: “Não concordo com essa prática.”

Celina não responde e sai da sala pensando: “Agora que consegui alguns colegas que conhecem e se interessaram pela Cosate, vão me tirar daqui.” E com um relampejo vem a sua memória uma estratégia que poderia deixar para o seu último dia de aula. Dirigiu-se à sala de informática, redigiu uma carta sobre a proposta da Cosate, xerocou o projeto de lei n. 4.513 e anexou a carta.

Carta aos Colegas de trabalho

Olá, colegas, começo esta carta com a citação de Clarice Lispector cujo título é Não Sentir.

O hábito tem-lhe amortecido as quedas.

Mas sentindo menos dor, perdeu a vantagem da dor como aviso e sintoma.

Hoje em dia vive incomparavelmente mais sereno,

porém em grande perigo de vida: pode estar a um passo de já ter morrido,

e sem o benefício de seu próprio aviso prévio.

Como vai a sua vida, colega? Talvez você diga que não vai bem, ou quem sabe acha que está variando ou titubeando em algum aspecto, ou talvez pode dizer que vai de vento em popa, ou, quem sabe, um campo de reclamações de tudo que tem vivido, ou quem sabe está contando os dias para a aposentadoria. Poderia enumerar dezenas de respostas das mais diversas possíveis que você poderia me dar.

Não sei quantos sabem sobre a Cosate na escola, é uma aposta de dimensão Política Pública em Educação na Serra.

Estive em algumas reuniões do Fórum buscando informações sobre o funcionamento da Comissão de Saúde dos Trabalhadores da Educação. É uma proposta bem interessante e pode ser uma boa pista para enfrentarmos os desafios que nosso trabalho apresenta. Também estou fazendo um curso sobre ela.

Os Fóruns ocorrem todos os meses, fui a alguns encontros, às vezes fico pensando: por que não temos a participação de mais profissionais de educação nos Fóruns?

Muitas vezes voltei para casa pensando: o que é preciso para dar visibilidade ao processo de espriar a Cosate?

Em alguns momentos vi suspiros de esperança, mas também entaves burocráticos nos desdobramentos.

São inúmeros e específicos tipos de trabalho para que haja colaboração num projeto político como a Cosate. Uma luta por outras condições de trabalho que dignifiquem as práticas em educação.

Aprendi que no coletivo temos mais força, afinal, quando criamos espaço de diálogos, a abertura para as lutas é mais viável. Mas em nosso cotidiano não temos tempo para articular ou tecer momentos de conversas, não é mesmo?

Sabe, essa proposta para promoção de saúde nas escolas não vai nos impedir de ficar doentes. Mas nos suscitará a criar possíveis de vida.

A proposta já virou a lei n. 4.513, e aproveitei a oportunidade para anexá-la.

A vida é movimento incessante de criação. Quando paramos de criar, morremos. Vou recomeçar em outra escola, não por escolha própria, mas pelos modos instituídos de governar. Fui transferida para outra unidade escolar, como muitos outros colegas também serão, sob a alegação de adequação do quadro funcional.

A luta não para aqui, ela é apenas o recomeço de novos começos.

A omissão não é uma boa opção, o seu silêncio pode emudecer forças que jamais poderiam se calar.

Leiam sobre a lei e procurem na SEDU, no Sindicato, na direção da escola sobre os movimentos da Cosate, participem dos movimentos.

Até breve!

Celina

Foi em cada armário e colocou uma cópia, no banheiro, no mural, nos locais que poderiam ter alguma visibilidade ela o fez.

E os sujeitos-corpos-coletivos? É fato que os encontros, suficientemente fortes, podem aumentar ou diminuir a potência do corpo, das redes, compondo ou decompondo suas partes e formando, nesse processo, outros contornos. Cosate-lei-redes-políticas, a tentativa de adentrar esses campos de forças suscita questões que atravessam as atuações das(os) profissionais da educação e como seus saberes e ações alavancam feitura de políticas públicas.

Celina, com mais de 40 anos de vida, viu o que é a era “AG/DG (antes do Google/Depois do Google). Sabia que em plena era de globalização, para uns, de mundialização, para outros, a comunicação e a informação se tornam vitais à necessidade de formação que perpassa procedimentos técnicos de sua aplicação, considerando os modelos engessados (“Pai, afasta de mim esse cálice / Pai, afasta de mim esse cálice / De vinho tinto de sangue”) e o diálogo com as atitudes presentes em toda professora, tais como interrogar e apresentar perguntas; buscar informação e possíveis respostas para as questões apresentadas; propor questões, criar novas perspectivas e formular novas concepções.

É possível uma análise da realidade com um olhar plural, admitindo as diferentes perspectivas de observação, análise e construção de mundos.

Celina se despede de seus colegas. Enquanto caminha já fora da escola, vem a sua memória o Fórum, o curso de formação e a luta contínua por espaços de diálogos a fim de implementar a comissão, idas e vindas, de tempos em tempos novos começos.

O comum é sempre construído por um reconhecimento do outro, por uma relação com o outro, como se desenvolve nossa realidade (HARDT & NEGRI , 2014).

Ser maior potência está na possibilidade de comunicação de singularização dos pares, evitando cristalizações identitárias.

Como articular o que acontece com a escola com o que acontece com o país? De que forma a escola excede os saberes do senso comum de quem nela habita? Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos... começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento “sem transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996).

Falar da Cosate são movimentos, a Cosate pensada na dimensão macro e micropolítica. Temos política de governo e políticas instituídas, mas o processo instituinte? A Cosate como dispositivo que pretende fazer balançar, tremer as formas instituídas de fazer educação. Não sabemos se será ou não, mas há uma experimentação nesse sentido. Por isso a lei foi para a Câmara foi para o Governo. A micropolítica é um movimento que tenta abalar a macropolítica, tem as formas instituídas, tem o movimento de constituição dessas formas. Toda política é sempre macro e micro. Essa é a aposta da Cosate: tem as formas de governo, mas ela poderia se constituir como dispositivo que faz balançar essa dimensão macropolítica.

As políticas não se fazem só para as formas constituídas; há um movimento incessante que pode abalar as formas instituídas.

A relação do ser vivo com o meio é ativa. É próprio do ser vivo (re)fazer, compor com o seu meio.

É importante lembrar que o modo como o coletivo de trabalhadores que coloca seus processos de trabalho em análise pode fazer grande diferença na sua capacidade de transformar a realidade, de ampliar seu poder de agir.

No último dia do curso de formação, os cursistas receberam as profissionais do projeto-piloto, que relataram suas experiências pessoalmente. Esse relato

encontra-se no último capítulo do Caderno de Formação em Saúde produzido pela Fundacentro. Elas falaram das lutas, prazeres e desprazeres ao compor o movimento.

Também leram a lei 4.513 na íntegra e debateram. Muitas falas dos cursistas eram no sentido de que a lei era para eles/elas e de que veem um grupo lutando por algo que é direito nosso, da educação, e nós mesmos estamos aqui de braços cruzados, inertes.

Um diz: “Vivemos dias difíceis. Ninguém quer colocar a cara para bater, daí ficam todos no acovardamento, inclusive eu.”

“Nunca tinha ouvido sobre essa Cosate, só a partir desse curso. O que vamos fazer daqui para a frente? A maioria aqui é de contratados, nem sabem se terão emprego ano que vem.”

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drumond de. *Alguma Poesia*. Edições Pindorama, Belo Horizonte, 1930

ALVES, Rubem. *Desejo de ensinar e a arte de aprender*. 2. ed. Campinas: Fundação Educar, 2004.

ANDRADE, Sonia Maria Viegas. A experiência do Absoluto em Fernando Pessoa. Disponível: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nOPxGjOXsjkJ:www.letras.ufmg.br/cesp/textos/\(1979\)experiencia.pdf+&hl=en](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nOPxGjOXsjkJ:www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(1979)experiencia.pdf+&hl=en). Acesso: 20 de Maio de 2018

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Escutar. In: GALLI, Tania Mara; GALLI, Marta Livia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. Pág. 23.

ARTAUD, Antonin. *Oeuvres Complètes*, I. Paris: Gallimard, 1984.

ASSIS, Neiva de; ZANELLA, Andrea V.; FONSECA, Tânia Mara Galli. *Memórias e esquecimentos: revolvendo o passado silenciado de uma cidade. Colapso Clínico Político do Comum na Contemporaneidade*. 2018.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. *A transformação do cotidiano: vias de formação do educador – a experiência da administração de Vitória*. Vitória: EDUFES, 1997.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Avaliação e formação em saúde: como romper com uma imagem dogmática do pensamento? In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de (orgs.). *Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2006.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Ação formativa na saúde: desafios para construção de redes de aprendizagem docente sob o eixo da integralidade das

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; PIMENTEL, Ellen Honorato. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas PSI. *Polis e Psique*, v. 2, n. 2, p. 213-214, 2012.

BONDÍA, Jorge La Rosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Universidade Barcelona Espanha. Tradução João Wanderley Geraldi. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. Nº 19

BRITO, Hervacy. Formação e comunicação imidiática no movimento desejante Fórum Cosate, 2018. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2018.

BRITO, Hervacy; FREITAS, Maria Carolina Andrade. Relatório das comissões de saúde do trabalhador da educação em Serra-ES: relatório das atividades e ações desenvolvidas pelas Cosates do Projeto-Piloto nas escolas CMEI “Olindina Leão Nunes” e EMEF “Manoel Carlos de Miranda”, de setembro a dezembro de 2014. Vitória: 2015. Arquivo da Pesquisa.

BRITO, Jussara; ATHAYDE, Milton; NEVES, Mary. *Caderno de Textos: programa de formação em saúde gênero e trabalho nas escolas*. João Pessoa: Editora Universitária /UFPB,2003

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CARDOSO, Jaddh Yasmin Malta; CÉSAR, Janaína Mariano; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Conversas preliminares. In: BONALDI, Cristiana Mara; CRUZ, Cristiane Bremenkamp; CORREIA JUNIOR, José Agostinho. *Caderno de Formação: Saúde no Trabalho em Educação*. Vitória: Fundacentro, 2017. p. 14-30.

CAYMMIM, Dorival , música: Minha jangada vai sair para o mar, 1972

CLOT, Yves A. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Adalberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago. 2005.

ESPINOZA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores, v. XVII)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOTARDO, Suzana Maria; BRITO, Hervacy; FREITAS, Maria Carolina de Andrade; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; ARAÚJO, Vânia Carvalho de. O processo de formação de Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação: experiência e política. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 334-353, jul./dez. 2016.

HARDT, Michel; NEGRI, Antônio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. 3. ed. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HECKERT, Ana Lúcia Coelho; NEVES, Claudia. Modos de formar e modos de intervir: quando a formação se faz potência de produção de coletivo. In: PINHEIRO, Roseni et at. (orgs.). *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: IMS/Uerj, Cepesc, Abrasco, 2007.

HESS, Remi. *Produzir sua obra: o momento da tese*. Brasília: Liber Livro, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURAU, René. *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1993.

LOURAU, René. O instituinte contra o instituído. *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 47-65.

LUCIANO, L. S.; ANDRADE, A. L.; RAIZEM, M. H.; ALMEIDA, U. R. Mapeamento das condições de saúde e trabalho dos professores do município da Serra/ES. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA DO TRABALHO, 1, 2012, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MENDES René; DIAS, Elizabeth Costa. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo. v. 25, n. 5, p. 341-349, 1991.

MONTORO, André Franco. *Introdução à ciência do direito*. 25. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

MORSCHER, Aline; BINOTI, Ariele Pacheco; HEBERT, Fabio; RAMOS, Maria Cristina; GOMES, Rafael da Silveira; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. Relação “saúde e trabalho” e clínica da atividade. In: ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento; RONCHI FILHO, Jair; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.).

Trabalho docente e poder de agir: clínica da atividade, devires e análises. Vitória: EDUFES, 2014.

MOSÉ, Viviane. *Toda palavra.* Rio de Janeiro: Record, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* 2. ed. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA, C. M. C.; BRITO, H.; ZAHN, J. Entrada “redes”. In: BONALID, C. M.; CRUZ, C. B.; JUNIOR, J. A. C. (orgs.). *Cadernos de formação: saúde no trabalho em educação.* São Paulo: Fundacentro, 2018. p. 81-94.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2005.

PELBART, Peter Pal. *Vida capital.* São Paulo: Iluminuras, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Cartas.* Rio de Janeiro: Record, 1982.

RENAST, Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador Manual de Gestão e Gerenciamento, São Paulo, 1ª ed, 2006

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Sejamos realistas, tentemos o impossível: desencaminhando a psicologia através da análise institucional.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2018.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientle Studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011.

SILVA, Fabio Hebert; CESAR, Janaina Mariano; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. *Saúde e trabalho em educação: desafio do pesquisar.* Vitória, EDUFES, 2016.

WHITE, Ellen G. *Mente, caráter e personalidade I*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.